



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. II (2001)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

«Breves noções sobre a medicina cafreal do distrito de Sofala» ou sobre o conhecimento que os portugueses tinham das virtudes e usos das plantas e ervas medicinais na costa sul-oriental de África na segunda metade do século XIV

Ana Cristina Roque 

Como Citar | How to Cite

Roque, Ana Cristina. 2001. «“Breves noções sobre a medicina cafreal do distrito de Sofala” ou sobre o conhecimento que os portugueses tinham das virtudes e usos das plantas e ervas medicinais na costa sul-oriental de África na segunda metade do século XIV». *Anais de História de Além-Mar* II: 211-272. <https://doi.org/10.57759/aham2001.46948>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2001. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2001. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

«BREVES NOÇÕES SOBRE A MEDICINA CAFREAL DO DISTRICTO DE SOFALA»

OU

SOBRE O CONHECIMENTO QUE OS PORTUGUESES TINHAM DAS VIRTUDES E USOS DAS PLANTAS E ERVAS MEDICINAIS NA COSTA SUL ORIENTAL DE ÁFRICA NA SEGUNDA METADE DO SÉC. XIX

por
ANA CRISTINA ROQUE *



«... e tanto que não há naquellas terras outra botica mais que os campos donde cada um tira as que lhe servem»

H. BRAVO DE MORAES (1700–1703), *Informação sobre os Rios de Cuama e Sofala*

«A hervaria só no sertão se encontra e a não ser os cafres, mais ninguém aqui lhe conhece as virtudes.»

Ofício do Governador, Francisco de Mello de Castro (Sena, post. Junho 1784)

Em 1884, Guilherme Hermenegildo Ezequiel da Silva, homem de 58 anos e saúde precária, professor primário no exercício da sua profissão na Vila de Chiluane, dedica e remete a Augusto de Castilho ¹ um caderno manuscrito de 32 páginas, intitulado *Breves noções sobre a*

* Do Centro de Pré-História e Arqueologia do Instituto de Investigação Científica Tropical.

¹ Augusto de Castilho viria a ser Governador Geral da Província de Moçambique entre 1885 e 1889.

*medicina cafreál do districto de Sofala*² na sequência, aliás, de um outro texto que, sob o título *Descrição de várias amostras dos remédios que os povos do sertão de Sofalla empregão nas suas doenças*³, havia enviado no ano anterior ao Conselheiro Agostinho Coelho, então Governador Geral da Província de Moçambique.

Ezequiel da Silva⁴, era o terceiro de uma geração de portugueses que fizeram de Sofala a sua casa, deixando para a história testemunhos inequívocos sobre a região no conturbado período de 1790–1884⁵. De vivências e experiências relevantes das suas actividades e das dos seus familiares resultou um *corpus* documental único, que pela diversidade das temáticas abordadas se inscreve seguramente entre «os melhores textos etnográficos que se escreveram até hoje sobre Moçambique»⁶ e, em particular, sobre Sofala.

Não é nosso propósito discorrer sobre Ezequiel da Silva e a sua obra. Todavia parece-nos importante salientar alguns aspectos particulares por forma a enquadrar parte do trabalho que, tudo indica, desenvolveu na região de Sofala enquanto a sua saúde e os seus parcos meios financeiros o permitiram.

De ambições provavelmente mais modestas do que as dos seus antepassados, ou porque a carreira escolhida, a saúde um tanto frágil ou a situação política do seu tempo o afastaram da vida agitada e algo aventureira que havia sido a do seu avô paterno, Ezequiel da Silva pautou a sua actividade por um trabalho meticuloso, onde se destaca, sobretudo, o conhecimento do meio natural e das práticas tradicionais ligadas ao uso de plantas e ervas medicinais, ao qual não foi ainda dada a devida atenção⁷.

² Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), Res. 1 – Pasta E – n.º 22. Hermenegildo Ezequiel da SILVA (1884), *Breves noções sobre a medicina cafreál do districto de Sofala* (Chilluane, 4 de Março de 1884). Referido no texto como Manuscrito da SGL.

³ Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Cód. 2186 – Guilherme Hermenegildo Ezequiel da SILVA (1883), *Descrição de várias amostras dos remédios que os povos do sertão de Sofalla empregão nas suas doenças* (Chilluane, 24 de Setembro de 1883). Referido no texto como Manuscrito do AHU. Também disponível em microfilme no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM), Cód. 2186-193, embora incompleto (só tem até ao fl. 45).

⁴ Guilherme Hermenegildo Ezequiel da Silva era filho de Zacarias Herculano da Silva, que começou a sua carreira em Sofala como militar, em 1810, vindo a tornar-se em 1850 Tesoureiro Almoxarife da Vila de Sofala. Neto de João Julião da Silva, um português nascido em Macau em 1769 que em 1790 se tornou morador da Vila de Sofala – onde, pelo desempenhos de vários cargos militares e públicos, se veio a distinguir entre os personagens do seu tempo na região – e de Francisco Honorato da Costa que, no início do século XIX, foi o director da feira de Cassange. Os poucos dados sobre a sua vida, bem como algumas das informações sobre os seus familiares mais directos encontram-se no seu texto «Rezumo das notícias do districto de Sofalla e sertoens vizinhos desde o anno de 1755 em que esta provincia foi desmembrada dos estados d'India até ao corrente anno de 1884», publicado in FELICIANO, J. F., e NICOLAU, V. H. (1998), *Memórias de Sofala*, Lisboa, CNCDP, pp. 257-296, e no Manuscrito da SGL.

⁵ Grande parte da documentação produzida por estes três autores foi publicada por FELICIANO, J. F., e NICOLAU, V. H. (1998), *op. cit.*

⁶ FELICIANO, J. F., e NICOLAU, V. H. (1998), *op. cit.*, p. 16.

⁷ De Ezequiel da Silva apenas foi publicado o documento referido na nota 4. Os textos que na mesma obra se lhe seguem são cópias que fez de apontamentos particulares do seu

Faltando-lhe a formação teórica de homens que, como Manoel Galvão da Silva ⁸, levaram na bagagem os instrumentos e meios necessários para dar resposta às urgências de um conhecimento da natureza que o desenvolvimento científico do século XVIII tornara imperioso, Ezequiel da Silva possuía a seu favor o conhecimento e a prática resultantes de um quotidiano em que a observação e a experiência permitiam a identificação rápida por todos quantos, de forma empírica, conheciam de há séculos essa mesma natureza, que o século XVIII se encarregou de começar a universalizar, inscrevendo-a em listagens onde o latim se afirmou como chave da sua identificação ⁹.

Não se poupando às necessárias e longas caminhadas de reconhecimento e recolha de amostras, que devidamente guardadas e etiquetadas deveriam ser remetidas a quem pudesse avaliar do seu interesse para a farmacopeia ocidental, o trabalho de Ezequiel da Silva resultou num registo mais ou menos minucioso de cada espécie usada, referindo-se usos e virtudes por informação de quem neles era prático ou, como no seu próprio caso, por quem foi aprendendo a conhecê-las, a usá-las e, sobretudo, a testar a sua eficácia.

Razões estas que pesaram certamente na decisão de Joaquim d'Almeida da Cunha ¹⁰, Secretário Geral da Província de Moçambique em 1883, de usar as suas informações quando teve de responder à solicitação do já referido Governador Geral da Província de Moçambique, para que lhe fosse dada notícia circunstanciada sobre a medicina cafreal.

Em jeito de dedicatória escrevia o Secretário Geral,

«(...) Não sou médico, nem botânico; tenho apenas uns leves conhecimentos de medicina legal, e sei de botânica o que se aprende em nossos lyceos. Mero observador vou colligindo e apontando o que se me afigura curioso ou importante, às vezes mesmo sem consciência de poder um dia aproveitar pessoalmente as notas tomadas ou as informações recebidas.

«Na ocasião em que o governo solicita notícias da medicina cafreal, permita V. Exa. que lhe ofereça um singelo ensaio, bazeado nos meus apontamentos. Desejaria comparal-os com os que têm escripto distintos viajantes, mas não o posso fazer em tão limitado espaço de tempo.

avô paterno, do seu pai e de outros documentos a que teve acesso, não sendo, por isso, de sua autoria.

⁸ Veja-se a este respeito, a documentação publicada por BOTELHO, J. J. T. (1927), *O naturalista Manoel Galvão da Silva e as suas excursões científicas em Moçambique nos finais do sec. XVIII*, Lisboa.

⁹ Apesar de só no século XVIII se ter generalizado este procedimento com Lineu (Carolus Linnaeus) e os seus seguidores, a ideia de identificar cada espécie de forma universal remonta, no entanto, ao século XII. Nos seus tratados *Physica* e *Causae et curae*, a abadessa Hildegarda de BINGEN (1098-1179), conhecida como a «santa curandeira», «fue la primera en emplear junto a la denominación latina de la planta el término en su lengua vernácula»; CARRIÓN, M. L. (2000), *Las hierbas del monasterio*, Oviedo, Ed. Nobel, p. 24.

¹⁰ CUNHA, J. d'A. (1883), *Breve Memória acerca da medicina entre os cafres da província de Moçambique*, Moçambique, Imprensa Nacional.

«Junto-lhe uma relação de plantas medicinaes e outras, empregadas pelos cafres do districto de Sofala: esta relação não é minha, é devida ao professor de Chiloane o sr. Guilherme Hermenegildo Ezequiel da Silva, o homem que mais me tem auxiliado na investigação dos usos e costumes dos indígenas.

«Apenas a modifiquei na redacção. Os nomes scientificos não os conhecia o meu informador, e nem mesmo aquelles porque algumas plantas serão já conhecidas na Europa. Eu também lh'o não posso dar, porque não tenho exemplares...»¹¹

Acrescentando ainda ser

«...(o) sr. Guilherme Hermenegildo Ezequiel da Silva, indígena de Sofala. (...) um homem curioso, mais ou menos *Ganga*¹², e que tem muito conhecimento dos usos e costumes dos cafres do seu districto, de que lhe devemos curiosas notícias»¹³.

Esboçada deste modo a imagem de Ezequiel da Silva, não parecem ser de negligenciar as suas notas e apontamentos que, neste âmbito, entre 1883 e 1884, estão na origem de 3 documentos distintos mas indubitavelmente interligados. Dois manuscritos organizados por ele próprio, *Descrição de várias amostras dos remédios que os povos do sertão de Sofálla empregão nas suas doenças* (1883) e as *Breves noções sobre a medicina cafreal do districto de Sofala* (1884), e um terceiro, *Relação das diferentes plantas medicinaes e outras usadas pelos cafres do districto de Sofala e seu sertão*, incluído em 1883 na publicação de Joaquim d'Almeida da Cunha, constituindo este, de facto, dada a data da sua publicação – Fevereiro de 1883 –, a primeira versão do seu trabalho.

Desconhecemos as razões que terão levado Ezequiel da Silva a entregar os seus apontamentos a Joaquim d'Almeida da Cunha. Das palavras deste último pode apenas inferir-se que ambos se conheciam, que podem eventualmente ter feito algum trabalho em conjunto ou, pelo menos, que o trabalho de Ezequiel da Silva, fora do âmbito das suas atribuições de professor primário, era de reconhecida importância para o Secretário Geral da Província, que o considerava como o homem que mais o auxiliara «na investigação dos usos e costumes dos indígenas»¹⁴, sobre os quais fornecera já «curiosas notícias»¹⁵.

¹¹ *Idem*, p. 1.

¹² O mesmo que *Nanga*. Designação corrente, actual, no sul de Moçambique, para Médico Tradicional e que neste período era geralmente usada para designar curandeiro. Segundo CUNHA, J. d'A. (1883), *op. cit.*, p. 7, o *Ganga* «... é o curandeiro mais graduado».

¹³ *Idem*, p. 10.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*. Refira-se que Ezequiel da Silva continuará a ser referido como importante informador noutros trabalhos de Almeida da Cunha, como por exemplo *Estudo acerca dos usos e costumes dos Banianes, Bathias, Purses, Mouros, Gentios e Indígenas*, Moçambique, Imprensa Nacional, 1885.

Todavia, não deixa de ser estranha esta atitude, uma vez que, segundo o próprio Ezequiel da Silva, sabemos que parte deste trabalho estava a ser desenvolvido no âmbito de uma proposta que ele próprio havia dirigido ao Governador Geral da Província, em Abril de 1882 ¹⁶. Publicados os dados por Almeida da Cunha – a quem, por sua vez, havia sido solicitado um relatório cujo conteúdo colidia em parte com o trabalho a que fora dado aval a Ezequiel da Silva –, o Governador Geral apenas viria a receber o relatório 6 meses depois de o mesmo ter sido parcialmente publicado.

Quaisquer que tenham sido as razões, certo é que a resposta esperada pelo professor de Chiluanse se fez esperar e o apoio que então havia solicitado ¹⁷ nunca chegou. Nesta perspectiva, o manuscrito de 1884, desta vez enviado ao futuro Governador Geral da Província, poderá representar mais uma tentativa de chamar a atenção das autoridades para um importante património natural que, nos seus apontamentos, se oferecia como um imenso terreno a explorar, tanto na perspectiva de uma alternativa à botica enviada do reino, que não raro se revelava inadequada para curar os males da região, quanto na exploração dos possíveis recursos naturais do território.

Dos dois manuscritos, optámos por publicar o de 1884, que hoje integra o importante acervo documental da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa e a cujos responsáveis se agradece a autorização para a sua publicação.

Não sendo dos dois o mais completo, o manuscrito da SGL é, no entanto, em termos de reconhecimento e inventário das plantas e ervas medicinais, o que apresenta um maior número de espécies referenciadas – 65 espécies –, apesar de apenas 9 das 32 páginas lhes serem, de facto, dedicadas ¹⁸.

Por outro lado, com ele se demonstra também que os trabalhos anteriores representavam apenas o ponto da situação relativamente ao seu conhecimento num dado momento e que, longe de se esgotar no acto do seu envio, serviu sobretudo de matriz para a continuação de um trabalho que se esperava poder prosseguir e aprofundar e para o qual se procurava algum apoio junto das autoridades que, para tal e em princípio, teriam competência.

Todavia, a sua leitura tem de ser feita em articulação com os dois documentos que lhe são anteriores, por forma a evidenciar um conhecimento mais amplo e diversificado tanto dos usos e propriedades das várias plantas

¹⁶ «Este livro serve para n'ele se relacionarem as amostras dos remedios cafreais aproveitadas n'este districto segundo a proposta feita ao Governo Geral desta Província. (...) proposta que tive a honra de dirigir a V. Exa. em Abril de 1882, e pela sua aceitação dupla vontade me acompanhou para a execução deste trabalho...», Manuscrito do AHU, fls. 1-1v.

¹⁷ «... a vinda para estas terras de um homem scientifico que possa ir fazendo os ensaios precisos, nas proprias localidades onde as plantas habitarem...», Manuscrito do AHU, fl. 2v.

¹⁸ Sob a genérica designação de *Breves noções sobre a medicina cafre real do districto de Sofala* o autor aborda temáticas diversas particularmente importantes para a história do Arquipélago de Bazaruto no início da 2.^a metade do século XIX, que esperamos poder publicar numa outra ocasião.

e ervas medicinais utilizadas, como das áreas geográficas onde as mesmas foram referenciadas. Deste modo, não só a informação nos remete para o conhecimento das propriedades medicinais das espécies identificadas como também nos permite traçar o esboço de uma geografia de distribuição das mesmas de acordo com o tipo de solos permitindo deste modo uma abordagem ao processo de «cura» também em relação com as disponibilidades dos *habitat* naturais típicos de cada zona dentro de uma determinada área geográfica, neste caso, o então distrito ¹⁹ de Sofala.

Antes porém de passarmos à sua apresentação, cumpre fazer menção a algumas questões por forma a poder enquadrar o documento no espaço-tempo em que foi produzido e divulgado, confrontando assim dois mundos onde, pesem embora as diferenças culturais que os individualizam e supostamente distanciam, o recurso a procedimentos seculares e universais, porque relevantes de um quotidiano que privilegia a relação homem-natureza, evidenciam sobretudo a sua grande proximidade e similitude.

Ao longo do tempo, saúde e doença, têm sido abordadas e discutidas segundo múltiplas perspectivas que o âmbito deste artigo está longe de poder comportar. Conotadas com os domínios do bem e do mal, com a vontade divina ou com a ideia de uma moral punitiva em que os doentes são «aqueles que infringem os tabus, violaram os lugares santos ou os ritos agrícolas, cometeram incesto ou sacrilégio, deram provas de impiedade» ²⁰, o doente aparece sempre como sendo aquele que rompeu o equilíbrio. Por isso, «... para lutar contra uma doença é preciso primeiramente procurar a falta, depois puni-la e por fim curar o paciente... (dado que) A doença apenas será curada com e ao preço de uma purificação»²¹ independentemente de se encarar ou privilegiar a sua origem como «natural» ou «preternatural» ²².

¹⁹ Com base na organização administrativa decorrente do Decreto de 1 de Dezembro de 1869, «O districto de Sofala, immediato ao de Quelimane, é limitado ao N. pelo de Quilimane, ao S. pelo de Inhambane no Cabo de S. Sebastião, a E. pelo Oceano Índico, a O. pelo districto de Manica e paiz dos Matabeles. A sua capital é Chiloane na ilha d'este nome. Comprehende o commando militar de Sofala e o presidio de Bazaruto.», CUNHA, J. d'A. da (1885), *op. cit.*, p. 32. Todavia, esta delimitação foi muitas vezes contestada na época devido à impossibilidade de se definir a sua fronteira no interior, quer «... porque tem avançado e recuado em diversas epochas... (e) as proprias terras da coroa estão em poder dos cafres, e abandonadas as feiras de oiro mais sertanejas», LIMA, J. J. L. de (1859), *Ensaio sobre a estatística das possessões portuguezas na África Ocidental e Oriental, na Azia Ocidental, na China e na Oceânia*, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 235, quer por se considerar ser «... audácia com que chamamos nosso o que está occupado pelos indígenas! (...) quando a cem metros da fortaleza de S. Caetano nos obrigam a pagar tributo aos régulos...», FERRERI (1886), *Apontamentos de um ex-governador de Sofala*, Lisboa, pp. 10-11.

²⁰ SOURNIA, J.-C., e RUFFIE, J. (1984), *As epidemias na História do Homem*, Lisboa, Ed. 70, p. 216.

²¹ *Ibidem*.

²² «... às moléstias eram atribuídas duas origens: uma proveniência “natural”, devida a causas consideradas “naturais”, portanto acidentais e fortuitas, e uma origem “preternatural”, de que precediam as enfermidades mais graves e dolosas, e em que a vontade do sobrenatural

Deste modo, ainda que inscritos numa matriz cultural diferente, tanto no Reino como nas várias regiões sob domínio do então Império Português, o problema resulta basicamente o mesmo. A ruptura do equilíbrio põe em causa a estabilidade da comunidade que apela por isso às forças propiciadoras do bem, aos elementos aglutinadores da coesão da comunidade. Recorre-se então ao especialista capaz de reunir em si as condições que lhe permitem lutar contra o mal, independentemente do nome que se lhe atribuir ou dos processos mais ou menos exotéricos que vier a utilizar; mas quase sempre, em ambos os casos, se recorre também ao que a mãe natureza pôs ao dispor do homem desde que ele se reconhece como tal e foi aprendendo a usar por forma a assegurar a sua sobrevivência.

Neste contexto, o conhecimento e uso das diversas plantas e ervas acompanha a evolução do homem e da sociedade que sabiamente soube aproveitar as suas múltiplas potencialidades, conhecer as suas virtudes – alimentares, medicinais, industriais... – para delas beneficiar e, em simultâneo, reconhecer os malefícios e danos irreparáveis que algumas podem causar.

No plano das plantas e ervas medicinais este conhecimento constituiu a base da farmacopeia ocidental e oriental, sucessivamente consignadas em tratados que, ao longo dos séculos, foram incorporando novos elementos resultantes dos contactos culturais entre povos e da inevitável troca de experiências e de conhecimentos deles decorrente. E porque «Contra cada padecimento, cresce uma planta»²³, cedo se começaram a fixar receituários e a precisar dosagens com vista a padronizar o tratamento dos males mais conhecidos e a evitar o seu uso e prescrição por quem, para tal, não oferecia competências. Procurava-se assim inscrever em matriz científica um conhecimento milenar empírico e circunscrever a sua prática a um grupo de eleitos cientificamente credenciados.

A carta passada pelo físico-mor a atestar competências²⁴ ou a elaboração do Regimento dos Boticários²⁵ não são senão alguns dos passos dados em Portugal no sentido de uma regulamentação que, no domínio da farma-

era evidente. No primeiro caso a cura podia ser alcançada através dos médicos, cirurgiões e boticários, empregando-se para tal os meios naturais colocados pelo saber à disposição do homem. Por vezes, quando se tratava de um mal reputado como provindo da vontade de uma entidade superior, a cura devia ser alcançada exclusivamente pelo emprego da medicina teológica, isto é, os denominados “remédios da Igreja”, confissão, arrependimento dos pecados, intercessão dos santos, penitências, procissões, relíquias, santos óleos, água benta, entre outros meios.» ARAÚJO, M. B. (1995), «O problema da saúde: doenças, mortalidade, epidemias. O problema da alimentação: reservas e sobrevivência», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LIII, p. 102.

²³ Paracelso (1493-1541), citado por CARRION, M. L. (2000), *op. cit.*, p. 26.

²⁴ «Para obviar aos inconvenientes derivados de a profissão ser exercida por pessoas não habilitadas e com um mínimo de conhecimentos, D. João I, em 1430, determinou que ninguém praticasse sem haver obtido carta de habilitação passada pelo seu físico, mestre Martinho.» ARAÚJO, M. B. (1995), *op. cit.*, pp. 113-114.

²⁵ *Idem*, p. 120.

copeia, tem a sua correspondente na *Pharmacopeia geral para o reino e domínios de Portugal*²⁶ que, mandada publicar por D. Maria I em 1794, apenas virá a ser impressa em 1823.

Lê-se no Alvará que acompanha a sua publicação:

«EU A RAINHA Faço saber aos que este Alvará virem: que sendo-me presente a desordem, com que nas Boticas de Meus Reinos, e Domínios se fazem as preparações, e composições, por falta de huma Pharmacopeia, que sirva para regular a necessária uniformidade das ditas preparações, e composições; sendo certo, que sem que haja esta uniformidade, he impossivel que a medicina se pratique sem riscos de vida, e saude de Meus Fieis Vassallos, deixando-se á vontade, e capricho de cada hum dos Boticarios adoptar differentes methodos de compôr, e preparar os remedios de toda, e qualquer Pharmacopeia, ou ella seja de Universidades, Collegios Medicos, ou de Pessoas Particulares: Fui servida Mandar fazer, e publicar a Pharmacopeia Geral para o reino, e Domínios de Portugal, para servir de regra aos Boticarios, e Determino a este respeito o seguinte:

1. Que esta Pharmacopeia seja para instrucção de todos os que aprenderem a arte Pharmaceutica, dos quaes nenhum poderá examinar-se....sem que seja segundo os Elementos de Pharmacia, e segundo o methodo de preparar, e compôr cada hum dos Medicamentos conteúdos na dita Pharmacopeia Geral (...)
2. Todos os Boticarios serão obrigados a ter hum exemplar da Pharmacopeia Geral... e este exemplar para ter validade, será assignado pelo Primeiro Medico da Minha Real Camara, com a declaração do nome do Boticario, a quem pertença, Terra, e Comarca da sua habitação (...)
3. Depois da publicação desta Pharmacopeia, prohibo não sómente que os Boticarios preparem, e componhão Medicamentos por outra Pharmacopeia; mas tambem que nenhum medico, ou Cirurgião possa receitar qualquer preparação, ou composição, debaixo de títulos gerais que nella se não contenhão. E sendo caso que tanto fiem de alguma formula de Medicamento de outra Pharmacopeia, ou de algum Author particular, que della esperem a felicidade da cura, a receitarão por extenso, e não debaixo do título, que nesse Author, ou Pharmacopeia tiver; nem os Boticarios aviarão semelhantes receitas, que assim lhes não forem mandadas por extenso, tudo debaixo de penas, que em seu lugar Fui servida Determinar. (...)»²⁷

Sem que se ponham em causa as boas intenções que presidiram a este tipo de regulamentação, torna-se no entanto necessário sublinhar que, apesar de nelas se consignar a remota hipótese de utilização de um outro receituário, este tipo de regulamentação constituiu igualmente, em momentos

²⁶ *Pharmacopeia Geral para o reino e domínios de Portugal – Tomo I: Elementos de Pharmacia*, publicado por ordem da Rainha Fidelíssima D. Maria I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1823.

²⁷ «Alvará, por que Vossa Magestade há por bem Determinar a Pharmacopeia Geral para o Reino, e Domínios de Portugal» (Lisboa, 16 de Janeiro de 1794), publicado na *Pharmacopeia Geral para o reino e domínios de Portugal...*, referida na nota anterior.

históricos precisos, um obstáculo à incorporação de outros saberes directamente relacionados com situações específicas sentidas e vividas noutros pontos do mundo então sob domínio português.

Longe do reino, e porque «cada país desarrolla un tipo de enfermedades, y la propia tierra posee el remedio para combatirlas»²⁸, males e maleitas comuns, mas para nós desconhecidos, curavam-se com as plantas e ervas locais aplicadas por mãos experientes e de acordo com preceitos e técnicas tradicionais que, longe de padronizarem doenças e doentes, prescreviam curas em função da situação particular de cada paciente e quase sempre tendo em conta as disponibilidades do seu *habitat*²⁹, dispensando-se assim, na maioria dos casos, o uso específico de um único receituário, as tabelas de dosagem ou as composições pré-definidas. O mesmo acontecia no caso de doenças que nos eram familiares e para as quais a nossa botica dispunha de remédios e mezinhas de comprovada eficácia e que, encontrando ali outras alternativas em função dos vários recursos disponíveis em cada região, os homens do reino teimavam em curar segundo os seus métodos e receituários os quais, não raro, se revelavam inadequados pelas condições gerais em que especificamente eram aplicados.

Esta situação tornava-se particularmente delicada no caso de doenças endémicas, para as quais se não encontrava explicação nem tratamento³⁰, ou quando se tratava de doenças que, por nos serem familiares mas de todo estranhas às novas regiões, se revelavam mortíferas em populações que, para elas, não dispunham de imunidade nem antídoto³¹. Para estas, cirurgias

²⁸ CARRIÓN, M. L. (2000), *op. cit.*, p. 26.

²⁹ Entendido aqui no seu sentido mais vasto, que inclui as condições abióticas e biológicas da região.

³⁰ Como por exemplo o caso da «cegueira nocturna», referida por Fr. João dos SANTOS, «Outro género de doença há somente em Moçambique, que vem a muitas pessoas, sem se saber de que procede, a qual é privar da vista de noite, não somente a portugueses mas também a cafres, sem lhes causar dor, nem pena alguma mais que a de não poderem ver de noite, e esta cegueira lhes começa des que se põe o sol até que torna a nacer (...) Dizem alguns que os fígados do cação, assados nas brasas, e comidos, são remédio com que se tira este mal. Outros dizem que, lavando os olhos com água dos bebedouros das pombas, também saram. Outros afirmam que todo o que tiver este mal, se se fôr de Moçambique pera outra qualquer terra, também se lhes tirará, e verá de noite como dantes.», SANTOS, Fr. J. dos (1999), *Etiópia Oriental*, Lisboa, CNCDP, pp. 279-280.

³¹ As bexigas e o sarampo contam-se entre as doenças que maior número de mortos fizeram entre as populações africanas para quem estas eram absolutamente desconhecidas. Veja-se, por exemplo, a *Carta de António Lobo da Silva para o vice-rei* (Zimbabué, 15 de Dezembro de 1679), onde se lê: «De presente não sei que se faça forsa aos naturais vassalos do emperador que cavão nas minas de ouro, porque há hoje muy poucos, porque as bexigas e o sarampo e a peste que deu nestes annos atrazados, por estas terras da cafraria as destruiu, e houve muytas povoações que não escapou pee (*sic*) de pessoa, nem houve quem cortasse o milho de suas lavouras, que tinham cultivado, e eu Sr., o experimentei que indo em socorro de Manoel Pais de Pinho, que estava cercado dos botongas alevantados, levando oito mil homens pretos comigo, me recolhi com três mil e trezentos e todos os mays morrerão de bexigas, e ajuntando

conceituados e boticários experientes revelavam-se impotentes quando tentavam, em vão, aplicar fármacos e terapias ³² há muito validadas pelo uso e abuso que delas se fazia no reino e, em geral, na Europa do seu tempo.

Por sua vez, não era óbvio que as boticas fossem atempadamente providas de tudo o que se tornava necessário e adequado em função das especificidades regionais de um tão vasto território ³³. E mesmo quando tal acontecia, era frequente faltarem os que eram considerados aptos para o seu uso e para o exercício da profissão. Se não faltava a botica, faltavam cirurgiões e físicos e muitas vezes nem barbeiro sangrador ou boticário ³⁴ se conseguia encontrar, recorrendo-se então aos ajudantes, «homens» do cirurgião ou do

me eu com a guerra de Tette, que estava com Manoel paes começou nella a dar esta peste, e lhe socedee a elles o mesmo que a mim; assim, Sr., que nas terras onde cavam as minas de ouro há muy poucos naturaes, porque alguns que havia na feira de Ongo, os escravos de um Gonçalo João foram os que os fizeram espalhar, e na feira de Dambarare hum Manoel rebello e um João Penreiros (?) com seus escravos fizerão o mesmo, e todos estes Sr. já são mortos...», AHU, Cx. 3, Doc. 77, ou Fr. João dos Santos que também já fizera notar como as bexigas podiam matar aldeias inteiras sem que, no entanto, se pegassem «estas bexigas aos portugueses, inda que tratem com os cafres doentes», *op. cit.*, p. 278.

³² O recurso a sangrias era comum na Europa da época e apontado como solução para as mais variados situações bastando para tal a presença de um barbeiro-sangrador que delas se encarregasse. Já entre as gentes da Costa Oriental africana, embora haja notícia desta prática [Manuscrito da SGL, fl. 8v., ou LIESEGANG, G. (1966), *Resposta das questões sobre os cafres (1795-1976) ou notícias etnográficas sobre Sofala no fim do sec. XVIII*, Estudos de Antropologia Colonial, 2, JIU, Lisboa, p. 27], o seu uso era preterido em relação a outros métodos considerados menos agressivos e mais eficazes. Todavia, perante epidemias para as quais parecia não haver solução, como no caso das bexigas, parece ter sido largamente utilizada ainda que sem resultados convincentes «... houve nesta cafraria ... uma grande doença de bexigas de que também morreu grande número de gente. Esta infirmitade em toda a costa é como fina peste, porque na casa em que dá todos nata, assi homens, como mulheres, e mininos, e mui poucos escapam a este mal, porque o não sabem curar. Os que se sangram muito morrem, e da mesma maneira os que se não querem sangrar. Mas o mais certo remédio é sangrarem-se logo em lhes dando», SANTOS, Fr. J. dos 1999, *op. cit.*, p. 279.

³³ O processo de encomendar ou prover a botica era um processo moroso. No caso de Sofala, e em função do tipo de medicamentos necessários, o capitão deveria requerê-la a Lisboa, junto do feitor ou dos oficiais da Casa de Guiné, ou directamente a Goa, junto do vereador da Fazenda da Índia. Em qualquer dos casos, a demora tornava-se inevitável e muitas vezes a botica ficava vazia e o físico sem meios para poder acudir aos pacientes. Em carta para João António de Sequeira, feitor de Sofala, refere o governador Francisco de Mello de Castro que não pode mandar o auxílio pedido «por falta de Buteca e não de Cirurgião que podia mandar hum dos que vierão na Gallera de Portugal que aqui fica sem emprego certo, mas desassistido de medicamentos, porque não há-de curar com a raízes da terra, de que não tem conhecimento nem prática...», *Carta do Governador de Moçambique Francisco de Mello de Castro para João António de Sequeira, feitor de Sofala*, Moçambique, 20 de Abril de 1757, AHU, Cód. 1650, fl. 84-84v.

³⁴ Desde muito cedo que se põe a questão da falta destes profissionais considerados tão necessários como os próprios moradores no povoamento das terras ocupadas. Veja-se, por exemplo, a *Carta de Gaspar de Sousa Lacerda* (Sena, 3 de Julho de 1682), onde se lê: «Nas povoações destes Rios... o que he necessario em todas as ditas povoações são médicos, sangradores e boticários; porque não há hum em todas ellas, nem cure nem sangue, de tudo o que V.A. dou conta o tenho dado ao vice.Rei da Índia...», AHU, Cx. 3, Doc. 99.

físico, a quem a prática com os mestres dera experiência e consolidara conhecimentos ³⁵.

Deste modo, a imposição deste tipo de regulamentações limitava consideravelmente as possibilidades de cura do paciente que, não raro, se lhe fosse possível, recorria então aos médicos tradicionais locais e às suas mezinhas, esquecendo penalizações e acusações de que posteriormente poderia ser alvo ³⁶.

Assim, e mesmo durante os primeiros anos em que a experiência da costa Oriental africana era ainda incipiente, os portugueses foram-se apercebendo e reconhecendo as virtudes de alguns dos «remédios» locais no tratamento das várias enfermidades que, fosse pelas atribulações das viagens ou pela adversidade do clima da terra, os obrigavam a longos períodos de recuperação nos hospitais, mais ou menos improvisados e falhos de condições, que se foram criando, primeiro em Sofala ³⁷ e depois na ilha de Moçambique ³⁸.

³⁵ Para além destes aspectos há ainda a considerar que, muitas vezes, o «recheio» das boticas era também objecto de oferta e comércio, legal ou de contrabando, atingindo nestes casos preços exorbitantes que, frequentemente, escapavam ao controlo das autoridades portuguesas e, em simultâneo, deixavam vazias as farmácias dos diversos «hospitais». A este respeito, veja-se, entre outros, a *Carta de D. Diogo de Sousa para o governador e capitão mór de Sofala* (9 de Maio de 1794), AHU, Cód. 1349, fls. 173v.-174, ou a *Instrução del rey D. João V* (Lisboa, 25 de Março de 1744), publicada por BOXER, C. R. (1961), *op. cit.*, p. 118.

³⁶ Situação que era igualmente comum no reino onde «o povo não via com bons olhos estas inovações, e continuava a recorrer aos benzedores e aos homens e mulheres de virtude, apresentando (já) nas cortes de 1472, as suas reclamações», ARAÚJO, M. B. (1995), *op. cit.*, p. 114.

³⁷ Embora não haja referências directas à existência de um Hospital em Sofala, a feitoria, logo em 1506, dispunha de um físico, Mestre Jerónimo, ajudado por Jorge, seu homem, ambos vindos directamente do Reino, vencendo cada um 1 metical por mês como se pode ver no «Rol do Pagamento do Mantimento de Fevereiro de 1506 na Fortaleza de Sofala» (Sofala, 1 de Março de 1506), *DPMAC*, I, Doc. 55, Lisboa, 1962, pp. 424-446 e, ao longo dos anos são vários os documentos que, de forma implícita, se lhe referem. Assim, por exemplo, entre Julho e Agosto de 1522, o almoxarife de Sofala registou no seu Livro a despesa de 60 alqueires de milho «para despesas meudas do esprital» afora as muitas galinhas, azeite e vinagre especificamente destinadas aos doentes do referido hospital. «Livro incompleto da Receita e Despesa de Baltasar Matoso, Almoxarife de Sofala (post. 4 Outubro de 1521)», *DPMAC*, VI, Doc. 12, Lisboa, 1969, pp. 104-166. Por outro lado, também nos «Regimentos de Sofala (1530)», *Idem*, Doc. 26, pp. 306-307 se estabelece que Sofala deverá ter «hum físico e hum homem seu (...) e hum barbeiro que seja tãobem sangrador» competindo ao Capitão o ter «... muyto cuidado da cura dos doentes e provimentos deles e os vesite por sy quamdo bem poder e faça muyto inteiramente vesitar ao físico com toda a diligencia e asy mande a quem tiver cargo da emfermaria que os proveja e syrva de maneira que por sua negrigêmcia nom revebão mingoa em suas curas e saude porque alem de ser muyto serviço de deos e obra tão piadosa eu receberey nisso serviço. E pera elo tera sempre a botica bastada de mezinhas e cousas necesarias as curas dos ditos doentes que mandara com tempo de requerer ao feitor e ofeciaes da Casa de Guine ou ao vereador da Fazenda da Imdia semdo as cousas de que asy tiver necesydade pera a dita botica taes que lhe posão milhor ir da Ymdia que de ca do Reynno», pp. 318-320.

³⁸ Só por volta de 1538 surgirá na Ilha de Moçambique um grande hospital substituindo o que ali funcionava, em instalações precárias, desde 1508. Sobre as condições em que este

Foi assim que, logo nas primeiras viagens, os portugueses se habituaram às laranjas e limões para curar o «mal de Luanda»³⁹ – que muitos contraíam nos longos meses em que andavam no mar – e ao azeite de coco para desinfetar e cicatrizar feridas e chagas⁴⁰, não tardando em reconhecer a importância da Calumba⁴¹ e da raiz de Abutua⁴² que, incorporadas na nossa botica, passaram desde logo a integrar não só as listas de produtos comercializáveis⁴³, como também as dos medicamentos igualmente necessários a

primeiro funcionava refere, em 1518, D. António da Silveira «...achey em Moçambique huma casa a que chamam stprital que naam tem mais que o nome porque as paredes são de madeira e muito velhas e estavam cayje no chão Acheey mais que naam avia cama nenhuma nem cousas com que se curarem os doentes que na terra nom haa senaam maas galinhas nem menos achey provysam do capitão nem dinheiro pera se comprarem naas naaos e algumas cousas neecessarias pera hos homens nam morrerem nem as naaos que per'aquy vem do Reyno nom querem dar nda ainda que lho peeçam pelo quoal os paciemtees pasam muito mall e muitos morrem a mingua que certo nom morreriam se aquy ouvesse alguum modo de provysam de botica e hum homem que deles e do espritaal tevese cuydado e asy alguuns mata sanos que olhase por elles e os vigitase e lhe soubese dar uma purga a mingua que disto haa mata muyta geemte que Moçambique nom he tam roim terra como a pintam.» «Traslado da Carta de D. António da Silveira para el-Rei» (post. a 18 de Julho de 1518), *DPMAC*, V, Doc. 73, Lisboa, 1966, p. 550.

³⁹ Escorbuto. «... nos adoeceram muitos homens, que lhes inchavam os pés e as mãos e lhes cresciam as gengivas tanto sobre os dentes que os homens não podiam comer», *Relação da primeira Viagem de Vasco da Gama*, Publ. Alfa, Lisboa, 1989, p. 17. Mal que só chegados a Mombaça, com bons ares e maravilhosas laranjas, conseguiram curar. Sobre este assunto ver, entre outros, LIMA, A. A. P. de (1936), *A História Natural e o Ultramar Português – Fauna*, Alta Cultura Colonial, Lisboa, ou LIMA, A. A. P. de (1940), «O papel das vitaminas na primeira viagem de Vasco da Gama», *Congresso de História da Actividade Científica*, Coimbra. Segundo CHERNOVIZ (1890), *Diccionario de Medicina Popular*, Paris, Tomo I, pp. 1014-1015. «O escorbuto do mar cura-se com rapidez logo que os doentes desembarquem em alguma paragem cujo ar seja puro e quente e se alimentem de carnes e vegetaes frescos... (e) As bebidas acidulas, feitas com sumo de limão, de laranja e vinagre; são as que mais convem n'esta moléstia.»

⁴⁰ SANTOS, Fr. J. dos (1999), *op. cit.*, p. 84.

⁴¹ *Jateorhiza columba*. A raiz é usada cozida ou moída em caso de febres e problemas de estômago. É apresentada como substituto do quinino na «Relação das Amostras de Productos, remetidas da Província de Moçambique, para a Exposição de Londres em 1862», publicada nos *Annaes do Conselho Ultramarino*, Parte não oficial, Séries III-VI, Jan. 1862 – Dez. 1865, Lisboa, 1865, onde também se indica que a mesma era, na altura, comercializada em Moçambique a 200 réis a arroba.

⁴² *Cissampelos parreira*. Sob a designação de raiz de Abutua, Butua ou de Parreira Brava, aparece referida para várias regiões do território de Moçambique sendo-lhe reconhecidas propriedades tónicas e diuréticas e atribuídas diversas utilizações. Assim, em Sofala, é usada pisada para alívio das dores das articulações [LIESEGANG, G. (1966), *op. cit.*, p. 27], nos Rios de Sena considera-se ser o melhor vulnerio conhecido [MONTAURY, J. B. de (c. 1778), *Memória sobre a África Oriental*, BA, 54-XIII-3(7), fl. 34] e, no Sul de Moçambique, é usada «nas doenças do estômago, nas cólicas intestinais, desinterias, hematúria e blenorragia», FERNANDES, M. R. (1945), «Plantas medicinais, sua valorização», *Boletim Geral das Colónias*, XXI (237), p. 229.

⁴³ «Que nesta Ilha império do Xangamira está a serra chamada Butua, por causa das muitas raízes de Butua que os naturaes extraem da sua vizinhança, e as vendem aos portugueses em Sena, e estes aos boticários de todo o mundo: verdade he esta que sabem todos os brancos, e pretos, que lá forão, ou fallarão com os que la estiverão e athe com as pharmacopeas

outras boticas, como a do hospital militar de Goa ⁴⁴, de que constavam ainda Maná ⁴⁵ e Óleo de Elefante, de cujas virtudes medicinais se não duvidava ⁴⁶.

E mesmo quando a composição da «botica oficial» continuava a não contemplar as alternativas que a região proporcionava ⁴⁷, o recurso aos «remé-

dos boticários se prova...», *Relatório de Frei Rolim de Santa Rita* (post. 1750), AHU, Cx. 6, Doc. 30. Raízes e pó de Abutua aparecem na listagem de medicamentos da Farmacopeia Geral incluídos na «Tabella dos preços das drogas medicinaes, medicamentos, remédios e manipulações que faz parte da Portaria d'esta data sob o n.º 208, para o Governo dos Pharmaceuticos da Provincia», publicada no *Boletim do Governo da Província de Moçambique*, 24, L.M., 1855.

⁴⁴ «(...) Item, Manna, boa escolhida e não como a que tem vindo estes annos, com muito sujo, hum candill

Item, Calumba, doze arrateis
Item, Olio de Elifante, dous frascos
Item, Mel de Abelhas, seis maons
Item, Carimba, duas arrobas»

Relação de medicamentos que são precisos para a capital de Moçambique para o fornecimento da botica do hospital Militar do corrente ano de 1787 dada pelo médico e boticário do Hospital Real, Manoel Vaz (Goa, 19 de Janeiro de 1878), Arquivo Histórico de Goa (AHG), Cód. 1584, fl. 73. A estes se acrescenta frequentemente «... raiz de abutua, unhas de gram besta, batatinhas de missanga, pedras de cavalos marinhos e frutos de espinho...», como sendo igualmente indispensáveis à botica do referido hospital. *Relação de medicamentos que são precisos para a capital de Moçambique para a Botica do Hospital Real* (Goa, 19 de Janeiro de 1790), AHG, Cód. 1584, fl. 273.

⁴⁵ «Manná é um sumo concreto que corre espontaneamente e por incisão de muitas espécies de freixos, e principalmente do *Fraxinus ornus*, Linneo (*Oleaceas*), que dão na Itália. (...) Foi dado o nome de manná a muitas substancias, que tem analogia com o manná dos freixos. Assim, foi chamado *manna alhagi* ao sumo branco, concreto, que se tira de um arbusto que forma pequenas sarças, e que habita nos desertos, na Pérsia, Arábia e Nubia. Este arbusto foi chamado por Linneo *Hedysarum alhagi*», CHERNOVIZ (1890), *op. cit.*, Tomo II, pp. 274-375. Existem assim várias espécies de Maná, 4 das quais já referidas em ORTA, G. da (1987), Colóquio dos Simples e Drogas da Índia (1563), II, Lisboa, INCM, pp. 91-98. É usado como expectorante, edulcorante ou como purgante em função da espécie de onde se extrai e da dosagem tomada.

⁴⁶ Não conseguimos encontrar referências à utilização específica do Óleo de Elefante. Segundo ORTA, G. da (1987), *op. cit.*, Tomo II, pp. 303-304, «Do elefante há muito escrito; mas tem em si tanto que falar... E começando do marfim, vos digo que nenhum osso de elefante he pera uso da fisica, nem da policia, somente os dentes... E em nenhuma cousa de fisica o gastam os Indianos; somente os físicos Arabios e Turcos, que curam por Avicena, o gastam no que nós gastamos.», não fazendo quaisquer referências ao uso do óleo. Já no que respeita o marfim se encontram vários exemplos do seu uso na composição de alguns medicamentos habituais na farmacopeia portuguesa da época. Veja-se, entre outros, a composição da «Confeição de Jacintos» ou dos «Pós de Achodam» que faziam parte do *Rol da Botica que foi p^a Moçambique na Urca Caualo marinho, o ano de 1617*, publicada por LIMA, A. P. de (1949), «Como se tratavam os portugueses em Moçambique, no primeiro quartel do séc. XVII», Sep. dos *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, vol. III, Porto.

⁴⁷ Veja-se a título de exemplo a lista dos remédios da Botica de Sofala nos finais do século XVIII, que sob a designação «Remédios da receita do mesmo feitor (José Ferreira Nobre)» integra o *Livro de Receita e Despesa da Contadoria Geral de Moçambique*, AHU, Cód. 1563, fls. 279v.-283v. Exceptuando o cravo-da-índia e a cânfora, não se encontram senão remédios tradicionais da botica portuguesa em tudo semelhantes aos que já eram enviados no início do século XVII [vd. LIMA, A. P. de (1949), *op. cit.*]. Todavia, raiz de Abutua em pó e Maná eram já

dios da terra» foi-se tornando uma constante, quer pelo reconhecimento da sua eficácia quer para colmatar as falhas de um sistema que se revelava incapaz para solucionar os problemas da saúde num tão vasto território.

Não é por isso de estranhar que, no primeiro trimestre de 1703, ao pedido de um médico ou cirurgião para o Hospital da Vila de Massangano, o Conselho Ultramarino tenha respondido «... que se deve ordenar que se repare, e ponha em estado de que se posão curar nelle os soldados que vão a elle (e) que estes se curem com os remédios da terra por que muitas vezes mostra a experiência que assim livrão melhor dos perigos, do que se fossem curados com a arte, que se reconhece que he impossível haver Cirurgicos nem Médicos que se possam mandar para aquella conquista voluntariamente» ⁴⁸.

Longe de demonstrar uma «benévola e criminosa protecção ao charlatanismo médico da época» ⁴⁹, o Conselho Ultramarino mais não fez do que reconhecer, de facto, uma prática que foi sendo adoptada por muitos dos que, na Costa Oriental de África, enfrentavam um quotidiano marcado por males e moléstias de que se morria sem socorro. Foi assim que aprender a curar com os «remédios da terra» passou a ser também um dos objectivos a considerar se se pretendia o povoamento efectivo de algumas regiões na Costa Oriental de África com destaque particular para os Rios (de Sofala, de Cuama, de Sena...), para alguns pontos do litoral entre a Baía de Lourenço Marques e o Cabo Delgado e para as Ilhas e Arquipélagos costeiros em que, desde o século XVI, os portugueses se foram estabelecendo.

Esta preocupação não foi de todo alheia ao grande interesse que, a partir da segunda metade do século XVIII, se demonstrou pela recolha de dados relativos à história natural e à etnografia da região ⁵⁰.

frequentemente incluídas nas boticas que, durante o século XVIII, eram enviadas do reino para a Índia como se pode ver nas relações de medicamentos que, em 1744, levaram para a Índia as fragatas Nossa Senhora a Madre de Deos e Nossa Senhora da Caridade e São Francisco de Paula, publicadas por BOXER, C. R. (1961), «Mozambique Island and the «Carreira da Índia»», *Stvdia*, 8, Lisboa, Anexos.

⁴⁸ *Documentação do Conselho Ultramarino – Despacho de 21 de Maio de 1703*, transcrito em PINA, L. de (1939), «Documentos para a História Médica Nacional Ultramarina», *A Medicina Contemporânea*, 37, Lisboa.

⁴⁹ PINA, Luís de (1940), «A medicina indígena da África Portuguesa», *Congresso do Mundo Portuguez*, vol. XIV, p. 185.

⁵⁰ Sobre este assunto ver *Breves Instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza para formar um Museu Nacional*, Lisboa, 1781. Na perspectiva da criação de um Gabinete Real de História Natural foram expedidas instruções para os vários territórios sob domínio português. Estas instruções eram ali enviadas pelos governadores-gerais para os capitães-mores para que estes, nas áreas de sua jurisdição, se encarregassem do seu cumprimento. Os resultados dos trabalhos desenvolvidos no sentido da satisfação destas instruções está amplamente testemunhado na documentação oficial da época destacando-se, no caso da região de Sofala, o extenso documento que sob a designação *Resposta das questões sobre os cafres*, foi publicado por LIESEGANG, G. (1966), *op. cit.*

As expedições, mais ou menos científicas, os inquéritos, as recolhas de dados etnográficos e de amostras dos diversos produtos naturais que deveriam ser enviados para o reino não tinham seguramente como objectivo o conhecimento e a aprendizagem da arte de curar com os remédios e os métodos da terra. Embora se sublinhasse o muito «... cuidado de remeter... alguns produtos dos tres Reynos da Natureza, com os nomes que lhes dão nesse País, uma pequena estória delles, e as mais clarezas, que julgar necessárias para maior vantagem dos conhecimentos naturaes...»⁵¹, não deixava de se acrescentar que «Huma relação topográfica das minas, e juízo sobre as suas riquezas seria de uma grande importância ao presente sistema do nosso Ministério...»⁵², definindo deste modo as prioridades a ter em conta.

Todavia, os conhecimentos que daqui resultaram, tanto no domínio da flora⁵³ como no do aproveitamento e usos tradicionais das várias espécies identificadas, constituíram, de par com a experiência pioneira de alguns portugueses⁵⁴, um contributo notável para o conhecimento das plantas e ervas medicinais numa região em que, «as plantas medicinais são muitas, porém os cafres que as sabem não descobrem a pessoa alguma, excepto aos seus filhos, aos quais ordenão lhe que a não divulguem»⁵⁵.

⁵¹ *Carta do Governador Geral de Moçambique, D. Diogo de Sousa para Cristovão de Azevedo e Vasconcelos* (Moçambique, 20 de Maio de 1793), AHU, Cx. 64.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ A partir da segunda metade do século XVIII e com especial incidência no século XIX, realizam-se várias explorações científicas de botânicos, médicos e naturalistas de que resultou o envio para o reino de centenas de amostras de espécies vegetais de par com o desenvolvimento de vários trabalhos de herborização. Vejam-se, por exemplo, alguns dos ofícios de Francisco de Mello e Castro onde se dá conta do envio de várias amostras de entre as quais se destacam 83 espécies de «raízes e outras cousas medicinais», *Ofício do Governador de Sena Francisco de Mello de Castro* (Sena, 7 de Junho de 1784), BN, Secção Ultramarina, Maço 46, ou da forma como as amostras deveriam ser recolhidas e remetidas e dos trabalhos de herborização «Em ofício de 10 de Outubro de 1803 diz o capitão general Izidro de Sá que recebeu o ofício em que S. A. lhe recomenda que encarregue as pessoas competentes em Moçambique de indagar quais as plantas raras que vegetam naquele país e remeta ao reino as melhores sementes e cebolas, observando o methodo indicado para a remessa, para virem sempre bem acondicionadas. Diz que em 25 de Novembro mandou um caixotinho com catálogo de tudo o que levava. Vai mandar ordem para os portos da colónia para o mesmo fim, pois que em Moçambique e terras da sua dependência, na outra banda, não há senão laranjas, limas, muitos pequenos limões, athas, mangas, caju, ananaz, palmeiras e mandioca. A herva só no sertão se encontra e a não ser os cafres, mais ninguém aqui lhe conhece as virtudes. (...) Em ofício de 1-12-1809 diz o capitão general Mendonça que recebeu ofício em que se lhe manda prestar auxílio aos botânicos ingleses que haviam de ir do Cabo da Boa Esperança herborizar e aumentar os conhecimentos da História Natural...», *Ofício do Governador de Sena Francisco de Mello de Castro* (Sena, s/d), *Idem*.

⁵⁴ Veja-se, entre outros, o caso do «... missionário jesuíta João Loureiro que, em 1783, herborizou várias plantas, as primeiras da África Oriental, que constam das floras. Teve necessidade de tomar conhecimento com a matéria médica indígena, e daí os seus estudos de botânica, a fim de curar doentes que a ele recorriam», FERNANDES, M. R. (1945), *op. cit.*, p. 223.

⁵⁵ LIESEGANG, G. (1966), *op. cit.*, p. 25.

É neste contexto que devem analisar-se os textos de Ezequiel da Silva que, embora se considere «em botânica o mais leigo na matéria»⁵⁶ e «acanhado de... forças intellectuales»⁵⁷ não duvida que, em Sofala, «Da existência de muitas plantas virtuosas, é assumpto inteiramente sujeito a pouca contestação»⁵⁸ e que por «Mui abundantes... n'este districto, os remedios cafreas... bem se poderia, tirar (deles) consideraveis resultados»⁵⁹ já que há muito que vêm sendo usados não só pela população local como por muitos dos que, «...não tendo fé com o tratamento de alguns facultativos d'India, se sujeitam aos remédios do paiz»⁶⁰, vindo assim a comprovar a sua eficácia.

E mesmo que o recurso aos «remédios da terra» passe por uma ida ao curandeiro local, que timidamente se sugere que possa ser um charlatão, «os remédios de que [este] se serve(m), são pela mór parte de tão boas virtudes, que é lastimoso o não serem devidamente aproveitados – pelas nossas artes e sciencia do seculo actual»⁶¹. Por isso se não pode deixar de registar os seus «bons resultados»⁶².

Embora com as limitações inerentes à falta de meios técnicos, humanos e pecuniários⁶³ os trabalhos que estão na base destes textos revelam um profundo conhecimento do meio natural em que se inscreve a região de Sofala e Chiluané, dos usos e práticas médicas locais ligados à utilização das várias plantas, seja segundo o tipo de *habitat* em que ocorrem, seja segundo a doença ou doenças para que é aproveitada cada uma, e, sobretudo, a consciência da necessidade e importância do seu estudo, não só para a solução de problemas do quotidiano das populações que o envolvem como de outras que, no reino ou noutras regiões, enfrentam problemas semelhantes. Os casos da Durura – «... que tem já, na província virtudes, conhecidas em fazer, vir leite, em qualquer mulher de idade»⁶⁴ –, da raiz de Gambacamba – cuja batata da raiz se pode usar como substituto da raiz de alteia – da raiz

⁵⁶ Manuscrito da SGL, fl. 1.

⁵⁷ Manuscrito do AHU, fl. 2.

⁵⁸ Manuscrito da SGL, fl. 1.

⁵⁹ *Ibidem*

⁶⁰ *Idem*, fl. 4.

⁶¹ *Idem*, fl. 9.

⁶² Ver Quadro 2.

⁶³ «Este trabalho luctou com muitas dificuldades, na sua execução, sendo para mim a mais notável, a de se não ter podido obter as amostras na mesma área em que se tratava de colleccionar; pella razão de existirem as plantas, em diferentes terras, aonde o aproveitamento das amostras, só se consegui-o no fim de dilatado tempo, e ainda assim sem se poderem obter nas quantidades e especies que recomendava, esta foi devida a ignorancia das pessoas a quem (por falta de outras melhores) tive de empregar neste serviço, resultando me essas multiplicadas dificuldades, augmento de despesa, sufremos a quantia de setenta e cinco mil réis que segundo as ordens da Exma Junta da Fazenda desta província, me foi por conta de meus vencimentos adiantada pelo cofre da delegação deste districto....», Manuscrito do AHU, fl. 2-2v.

⁶⁴ Manuscrito da SGL, fl. 1v. Ezequiel da Silva refere a existência de duas qualidades de Durura em Sofala e acrescenta que as virtudes destas plantas são reconhecidas em muitas outras regiões da província. Embora sem lhe ser atribuído um nome, esta ou outra planta de

de Mutivarvi – que serve como extracto de alcacuz – ou da infusão folhas de Chicarafunda – que facilita os partos ⁶⁵ – são, neste sentido, paradigmáticos.

O registo que acompanha cada uma das amostras foi feito em folha própria, em jeito de formulário ⁶⁶, procurando que nele se inscrevessem todas as informações possíveis de obter para cada espécie referenciada, a saber, nome local por que é conhecida a planta, tipo de *habitat* e características, local onde foi recolhida, parte ou partes da planta que são utilizadas em função do tipo de doença, forma de preparação e de aplicação e, finalmente, um campo de observações, que o autor preenche com informação adicional ou comentários pessoais. Estas fichas deveriam acompanhar as amostras (de que se registava igualmente o peso ou a quantidade das partes que eram enviadas) e eram preenchidas, sempre que possível, no local da recolha, constituindo a base de toda a informação possível de disponibilizar com vista a estudos posteriores que, fora do território, se efectuassem. Daí o cuidado extremo demonstrado por Ezequiel da Silva na forma como cada planta é apresentada, tendo a preocupação de sublinhar sempre as suas dúvidas ou omissões relevantes da falta de informação considerada credível.

Deste modo, se há situações em que o autor não hesita em afirmar os «bons resultados» obtidos pelo uso de determinada planta no tratamento de uma patologia específica (Vd. Quadro 2), outros há em que faz questão de sublinhar a falta de informação suficiente em abono da sua eficácia ⁶⁷.

É igualmente neste sentido que se apresentam os receituários no que respeita às suas formas de preparação e modos de aplicação, que Ezequiel da Silva sabe estarem longe de poder responder às exigências de uma cienti-

resultados equivalentes, aparece descrita pela primeira vez nas fontes documentais portuguesas, por Frei João dos Santos, para a região de Sofala e Rios de Cuama. «Outro pau me mostraram em Sofala, o qual também há nestes Rios, e dizem que pisado, e dado a beber, faz vir leite aos peitos de qualquer pessoa que o beber, assim homem como mulher; tem as folhas muito grossas e grandes, quasi como erva babosa.», SANTOS, Fr. J. dos (1999), *op. cit.*, p. 189.

⁶⁵ É extremamente interessante a observação que Ezequiel da Silva faz relativamente ao uso da infusão das folhas de Chicarafunda e das suas virtudes para «facilitar os partos». Refere ele que «Pelo tempo de dois anos e quatro meses que estive na vila de Inhambane foram vítima de partos, dezasseis mulheres entre christãs e mouras, e a pouca informação que sobre o assumpto colhi fiquei mais convencido de que a falta do uso do dito remedio concorra para o tal prejuízo, visto nesta localidade não se darem com abundância as mesmas cousas.», Manuscrito do AHU, fl. 25.

⁶⁶ Grande parte do Manuscrito do AHU é composto por estas fichas de que, a título de exemplo, se reproduz uma, no Quadro 1. Do conjunto destas fichas, e de outras preenchidas posteriormente, resultam as tabelas do Manuscrito da SGL.

⁶⁷ É, por exemplo, o caso da utilização da seiva de *Chiviroviro*. O seu uso é comprovado no entorpecimento de enguias por forma a facilitar a sua captura. Todavia, refere o autor que «Consta-me que também alguns cafres já se tenham servido deste remédio para queimar câncaros; porém a falta de esclarecimentos sobre o modo de aplicação do remédio, me priva de fazer no lugar competente menção de tal virtude.», Manuscrito do AHU, fl. 44. Talvez desta dúvida ou mesmo da comprovação da falta de propriedades específicas medicinais resulte o facto de esta planta, referida em 1883 no Manuscrito do AHU, não ter sido incluído na relação de 1884 de que resulta o Manuscrito da SGL.

ficidade que não se compadece com as imprecisões que caracterizam a medicina e farmacopeia tradicional local. Por isso, a necessidade de evidenciar que «... o cafre não tem especie nenhuma de pesos nem medidas para os remedios, mas sim todos são ministrados por meio de calculo, em manipulações, e os cosimentos são dados em quantidades tambem calculadas a olho...»⁶⁸, razão pela qual não lhe é possível indicar quantidades precisas mesmo nos casos em que presenciou a sua preparação e aplicação, sob pena de induzir em erro aqueles que vierem a dedicar-se ao seu estudo⁶⁹.

Por sua vez, consciente da diversidade de espécies e características específicas do seu *habitat*, que naturalmente condicionam a sua ocorrência, escassez ou ausência e, conseqüentemente, as suas formas de utilização pelas comunidades humanas, Ezequiel da Silva revela, com a sensibilidade que lhe é própria, que o uso desta ou daquela planta no tratamento específico de uma doença é parte integrante do património cultural específico de cada comunidade e, por isso, revelador do conhecimento do meio natural em que cada uma se insere e da sua adaptação e capacidade de nele encontrar soluções para as suas necessidades básicas fundamentais⁷⁰.

Deste modo, os habitantes das terras arenosas da Ilha de Chiluané usam as folhas e a flor da Muanga para a cura das febres associadas a constipações, enquanto os que vivem junto às terras húmidas e salgadas da mesma Ilha sabem que ali encontrarão a Mutungumuja, cujas folhas produzirão o mesmo efeito; por sua vez, as mulheres que habitam junto às terras húmidas de Nharingue usam a raiz de Gumbilhi para tratar as lombrigas das suas crianças e as que vivem junto às terras húmidas da Chirinda, na falta do Gumbilhi que ali não ocorre, usam a casca de Mutumgamaxèxi, enquanto as que habitam as terras secas e arenosas envolventes à Vila de Sofala ou da Ilha de Chilluané recorrem, para o mesmo fim, às folhas, ramagens e raiz de Gôche ou às folhas de Menfuta, plantas típicas de ambientes secos e arenosos. Assim, atendendo ao tipo e características do solo, as comunidades humanas encontram soluções diferentes para resolver problemas que lhe são comuns e indispensáveis ao seu equilíbrio.

⁶⁸ Manuscrito da SGL, fl. 8v.

⁶⁹ «como a forma porque os cafres aplicam os remedios seja bastante por cálculos das porções, ou quantidade de remédio aplicado, por isso me não foi possível fazer neste livro a escripturação para esse fim detalhado nos respectivos casos, em consequencia de não recordar do cálculo do peso que terá um remedio, que vi aplicar á muitos anos, e para que os cálculos apresentados sobre tão importante assunto, sem as bases de maior probabilidade, possam originar perigos, entendi por tanto ser dever meu consignar esta declaração», Manuscrito do AHU, fl. 8.

⁷⁰ «É corrente nos sertões vizinhos, muitas vezes o remédio que em uma tribu é uzual para certa doença ser este também aproveitado em outra para deversa moléstia, e por esse motivo se poderá intender que o aproveitamento contido n'este livro, é somente com respeito ao uso mais vulgar que se dá as plantas n'elle mencionadas, não duvidando por isso ao que ainda de melhor cada uma possa aproveitar nas suas virtudes.», Manuscrito do AHU, fl.12.

Nesta perspectiva, os textos de Ezequiel da Silva permitem identificar 74 plantas e ervas medicinais ⁷¹ distribuídas por 7 tipos de ambientes e *habitat* específicos ocorrentes no distrito de Sofala ⁷² e usadas no tratamento de 71 situações de patologia identificada (Vd. Quadro 5).

Por cada situação específica explicita-se a(s) planta(s) e a parte ou partes da(s) mesma(s) que devem ser utilizadas, bem como as suas formas de aplicação em função do resultado que se pretende obter, sublinhando-se o cuidado a ter na preparação e aplicação do medicamento. A escolha, preparação e aplicação de um qualquer tipo de medicamento é um processo delicado, que revela o conhecimento das propriedades terapêuticas das várias plantas e, em especial, da parte ou partes da planta que deverão ser utilizadas e como deverão ser aplicadas em função do mal diagnosticado.

Folhas (44,59%), raízes (32,43%), casca (13,51%) e frutos (10,81%) apresentam-se como sendo as partes preferenciais a utilizar, num universo a que também não é alheio o uso das flores (3%), da seiva (7%) ou das sementes (4%). Mas é preciso saber como e quando se devem usar, pois a mesma planta pode revelar diferentes propriedades segundo as diferentes partes usadas (Vd. Quadro 2 e Quadro 5) e o seu desconhecimento pode induzir utilizações impróprias e, naturalmente, resultados inesperados.

Diagnosticado o mal, a parte ou partes da(s) planta(s) possíveis de utilizar é escolhida num universo de hipóteses no qual se consideram não só as suas propriedades específicas como também o sexo e a idade do paciente, a gravidade da doença ou o estado de desenvolvimento da mesma (vd. Quadro 5). Assim, há remédios para grávidas (antes, durante e depois do parto), para doenças específicas de mulheres e homens adultos, para crianças e para idosos; há remédios para feridas, febres e dores de cabeça ligeiras e sem motivo de grande preocupação e há remédios para feridas profundas difíceis de curar, febres, tosse e dores persistentes, tumores, fracturas e nevralgias, queimaduras, problemas de estômago, baço, uretra e bexiga, inflamações de natureza variada, sarna, pontadas, hérnias, pleuresias, oftalmias; há estimulantes para fazer funcionar a vesícula, provocar vômitos, abrir o apetite... o quadro das patologias é vasto e diversificado e para todas as situações parece haver remédio próprio, desde que se saiba como aplicá-lo.

Porque há os que se usam directamente frescos (14%) e os que devem ser usados simples mas depois de moídos, raspados, pilados, espremidos ou

⁷¹ 65 das quais aparecem no Manuscrito da SGL onde, por sua vez, se encontram 20 registos que não aparecem em mais nenhum dos outros documentos. O Manuscrito da AHU consta de 40 registos, 5 dos quais não aparecem nas outras relações e a relação publicada por Almeida da Cunha, possui 43 registos dos quais 4 não aparecem nos manuscritos posteriores. Se, para a mesma região, acrescentarmos as 5 plantas referidas no século XVIII por LIESEGANG, G. (1966), *op. cit.* – Mofina, Abutua, Ambombo, Munziro e Muçongo –, teremos um conjunto de 79 plantas referenciadas para a área de Sofala – Chiluané.

⁷² Respectivamente zonas arenosas, zonas secas e arenosas, zonas húmidas, zonas húmidas e arenosas, mangais, praias e lagoas costeiras.

passados levemente ao fogo (25%), aplicados em cataplasmas (6%), sinapismos (2%) ou emplastros (1%); os que devem ser cortados em pedaços pequenos, pilados frescos e pulverizados quando secos e os que se usam frescos ou se secam cuidadosamente inteiros e depois de pilados serão usados em cosimentos (27%), infusões (3%), xaropes (3%), misturados com água para beber (24%) ou com gorduras e óleos na preparação de pastas, pomadas e unguentos (7%) que abundam na farmacopeia tradicional; há ainda os que serão usados em massagens e unturas (9%), em banhos (4%), lavagens (3%) e suadouros (1%) baixando febres e acalmando o corpo, ou em defumações, vapores e inalações (4%), purificando o doente, as casas e os maus ares que se respiram ou afastando parasitas que periodicamente infestam pessoas, animais e habitações.

Considerando o autor que, de uma forma geral, «As curas consistem em massagens com remedios, ou simplesmente com agôa quente, ou azeite; em cosimentos, unturas de certas ervas, n'esta ou n'aquella parte do corpo, e finalmente por meio de sangrias tópicas que executam com piquenos chifres, em forma de ventosas sarjadas...»⁷³, o facto é que o registo que lhe foi possível fazer ultrapassa em muito esta generalização que, no seu tempo, se continuava no entanto a perpetuar quando se falava da medicina tradicional e dos seus métodos⁷⁴.

Deixando de lado o pequeno apontamento que Ezequiel da Silva fornece sobre «algumas obras, de pedra e cal, e gravuras feitas em rochedos, de muita grandeza...»⁷⁵ de par com «... caixotes grandes, com muitos papéis velhos»⁷⁶, que ele não viu, e sobre os quais os seus informadores não souberam fornecer indicações muito precisas, o texto do manuscrito da SGL, bem como os quadros que nos foi possível elaborar com base nos três textos de Ezequiel da Silva, demonstram, *de per si*, a riqueza e diversidade do património natural e cultural de toda uma região que se nos apresenta, ainda hoje, como um imenso campo a explorar no âmbito das suas potencialidades⁷⁷.

Dos saberes e práticas que os seus textos transmitem fica-nos a certeza da sua importância para o estudo das várias vertentes da história regional

⁷³ Manuscrito da SGL, fl. 9.

⁷⁴ Veja-se, por exemplo, o texto do Dr. Alexandre NORBERTO, *Do clima e das doenças da província de Moçambique. Relatório sobre o serviço de saúde na estação naval de Moçambique, nos annos de 1867, 1868 e 1869* citado por CARDOSO JÚNIOR, J. (1902), *Subsídios para a matéria médica e therapeutica das possessões ultramarinas portuguezas*, Tomo I, Lisboa, p. 167; SIMONI, L. V. de (1821), *Tratado Médico sobre clima e enfermidades de Moçambique*, BN, Res. Cód. 1-26-18-22, ou ainda SALIS DE CELERINA, J. (1846), «Esboço sobre as moléstias na Costa oriental de África ou Topografia médica da província de Moçambique», *Annaes do Conselho Ultramarino*, Parte não oficial, 3, 1846, pp. 43-72.

⁷⁵ Manuscrito da SGL, fl. 1v.

⁷⁶ *Idem*, fl. 2.

⁷⁷ No domínio da classificação das espécies foi-nos apenas possível identificar 15 das 74 plantas e ervas medicinais referenciadas para a região.

local e a convicção da necessidade de um outro tipo de abordagem a tantos outros textos produzidos por quem, anónimo ou não, nos deixou testemunhos sobre experiências e vivências numa região em que soube integrar-se e partilhar de práticas e saberes tradicionais, que também são nossos, e representam um imenso potencial de informação que merece e deve ser dado a conhecer.

Mas, dos seus textos, resulta também a possibilidade de um outro olhar sobre uma área geográfica que, quase sempre, tem sido analisada na perspectiva da sua posição estratégica no contexto da presença portuguesa na África Oriental.

QUADRO 1

Ficha de registo das amostras recolhidas⁷⁸

Número de plantas a que pertencem as amostras		3	
Designação das espécies de que constam as amostras e peso que cada uma tem	Raiz	Libras	1
		Onças	"
		Oitavas	"
	Casca	Libras	
		Onças	
		Oitavas	
	Folha	Libras	
		Onças	
		Oitavas	
	Resina	Libras	
		Onças	
		Oitavas	
Nome pelo qual é conhecida a planta no paiz	Goche		
Sua qualidade e habitação	Planta rasteira, de folhas compridas e algum tanto ásperas; nasce em terrenos arenosos		
Território onde foi aproveitada	Abunda tanto na Ilha de Chilluane quanto na villa de Sofala e outros lugares		

⁷⁸ Exemplo de uma das fichas utilizada por Ezequiel da Silva para o registo das plantas e ervas medicinais referenciadas, Manuscrito do AHU, fls. 8v.-9.

QUADRO 1
Ficha de registo das amostras recolhidas (*continuação*)

Quantidades por que é aplicado o remédio	Raiz	Libras
		Onças
		Oitavas
	Casca	Libras
		Onças
		Oitavas
	Folha	Libras
		Onças
		Oitavas
	Resina	Libras
		Onças
		Oitavas
Virtudes conhecidas e doença em que é aplicada	Nas febres intermitentes e apertos de urina	
Forma de preparação do remédio e sua aplicação	A preparação consiste no uso de cozimento feito desta planta tanto das folhas, ramagens, quanto das raízes, por meio de (...?). No 1.º caso tomase o cozimento quanto mais quente possa ser, e no segundo pelo sentido inverso	
Observações	Em ambos os casos para que aproveita este remédio, tem-se conhecido neste distrito bom resultado, parecendo porém que a circunstância de se tomar quente ou frio, pouca influência poderá ter para os efeitos do remédio e só a mencionei para dar tradução fiel do sistema da sua aplicação	

²² *Manuscrito do A.H.U.*, op. cit., p. 36.

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Local(s) de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específica	Parte da planta utilizada	Preparo da preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
Sagapora		Árvore	Frutífero Árvore de 10m ¹⁴				62 (-)	
Chia e fenda (Cedra e fenda)	Abundante na Ilha de Chitua e na arredores de Sofala	Planta rasteira, de folhas redondas, grossas e ásperas que nasce e morre seca e anuais	Facilita as partos Árvore de 10m ¹⁵ Pantufas Gomeroles e implas Quedas e contusões	Folhas	As folhas podem ser picadas e dissolvidas em água, piladas e drinkidas em água de leite ou a frita em que se trata de assar	Partes - Árvore de 10m ¹⁶ Folhas picadas usadas para facilitar as partos e por isso deve de se a beber a mulher, no 3. ^o mês, durante 5 dias, de manhã e em jejum; Dozes - mangagem folhas como assar em que se trata de frita, no 3. ^o mês, de manhã e em jejum; Gomeroles - usadas em água de leite em que se trata de frita, no 3. ^o mês, de manhã e em jejum; Pantufas - usadas em água de leite em que se trata de frita, no 3. ^o mês, de manhã e em jejum; Quedas e contusões	17 (19) 23	

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Localidade de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específica	Parte da planta utilizada	Processo de preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
Dumburica (Dumburica)		Arbusto que cresce em solos húmidos e areosos	Doença de cabedagiosas	Folhas	Faz-se as folhas e diluem-se em água	Sabe-se o seu uso para tratar as pequenas porções		40 (121)
Dundurica		Pequeno arbusto de folhas de penas e de frutos molles e beringela que cresce em solos secos e areosos	Cicatrização de feridas em que se aplica o machoado de machoado	Fruto	Usa-se o fruto machado ou ao natural	Feridas - aplica-se diretamente o machoado da fruta fresca que se pode ter sido previamente passada pela água. Lavando - usa-se do machoado que depois de machado em machoado introduz no anus para provocar a pronta evacuação		29 (22) -
Durica (Durica)	Támes de Macanga	Trapaço que cresce em solos húmidos	Estimula o crescimento da leite materno e em mulheres de idade avançada	Fruto	-corta-se os frutos e junta-se por meio de fricção a sangue de dentes com o leite apropriado da planta - e que se junta a infusão de leite das partes da planta de que se aproveita o leite	Deve tomar a infusão em doses diminuídas. Ao fim de 24h, deve aparecer o leite. Como tal não se verifica o uso do leite fresco e o mesmo processo é no fim de dias o leite aparece. ⁹²		51 (29) 17 Se resulta em mulheres que ainda tenham o machoado. ⁹³ Sabe-se o uso da infusão de leite que planta machoado que se usa para o machoado e o leite do machoado para servir a infusão.

Fuente		Árbusto de folha perennante com flores brancas e amarelas, que se dá em solos húmidos	Envenenamento vegetal	Folhas	Crescimento das folhas	Embebição das folhas para a urina, duma vez em mais	- (-) 31
Combustível (Gambela) 14 (Gambela) 14 (Gambela) 14	Abundante na ilha de Chiloé e na Vila de Sábila	Planta nativa que produz uma bela flor branca e amarela em solos secos e arenosos	Unguento para feridas e imples (folhas) Folhas intrometidas na urina Relação de urina por problemas de urina (são)	Raiz Folhas Bala	Raiz - crescimento simples depois da colheita linear e primária com folhas - pensam-se provisoriamente pelo calor do fogo e depois por água	Folhas e relação de urina - deve dar-se a beber, a amolecer a urina, o crescimento da raiz. Feridas - aplica-se as folhas ditas na urina em caseira para a urina	2 (11) 13 a bala utilizada como substituto da raiz de a bala 15

¹² - Fazem-se leves incisões em volta das folhas, em seguida uma ligeira fricção até aparecer sangue, com que se mistura. No dia seguinte faz-se chupar as folhas por qualquer criança, e em 48 horas, o máximo, a mulher tem a bala.¹³ Cueva, J. d'Al. da (1833), op. cit., p. 13.

¹³ - Ma nuscrito do A.H.U., N. 35. Toda via Cueva, J. d'Al. da (1833), op. cit., refere que «Esta planta é usada para fazer a leite de mulheres idosas, em virtude do que se avõe podem a mamãe e o leite».

¹⁴ - Sobre a mesma designação aparece na lista para a região nos finais do século XVIII. «Aos línguas (Francisco, Cherkovitz (1890), op. cit., Tomo I, p. 283), a poeira mata (poeira ou abacaxi, Zúñiga, p. 2) que querem amadurecer, põem em cima a folha de uma erva nativa chamada gambela».

Lizasoain, G. (1966), op. cit., p. 27. Acrescenta-se ainda que, caso o apoplejismo se encontre em zona difícil de tratar pode ser desloca do para outra zona do corpo onde seja possível o seu tratamento. Para isso, «... uso da folha de uma erva grande chamada Munisiro, a qual se resolve o humor que há para outra parte, em que facilmente podem curar, a prática m da forma seguinte: apertar a goma das folhas, e aquecendo-as ao fogo, duas poas encima da parte a onde se acha que vai formando a poeira, e então a andar com a folha quente por cima da parte a onde se quer quem a poeira, e fazendo a esta operação uma vez ao dia muda-se a poeira e a poeira a parte que quem a poeira».

¹⁵ - *Artifício officinal*, comumente designada a bala, malvaco ou malva real dos poetas, de amplo espectro de aplicação na Farmacologia. É rica em, igualmente, na com posição de vários medicamentos pela sua múltipla propriedades. Deslata-se o uso das folhas frescas ou secas em decoção (cozimento) ou em maceração com alho de purgativo, emolientes, antiespasmódicos e expectorantes; e das folhas verdes, aplicadas directamente sobre a pele produzem uma agradável sensação de frescura e ajudam a eliminar a urina, quando usadas em emulsão com particular efeito purificante, sedativo, diurético e refrescante podendo ainda usar-se a decoção em clistmas, gargarismo ou lavagens variadas. Para informação mais detalhada veja-se, entre outros, FERNÁNDEZ - LÓPEZ et al. (1996). *Plantas e medicamentos v. ditas en la vascosista Ibérica*. Herbario de Jaén. Espanha.

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Local(s) de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específicas	Parte da planta utilizada	Processo de preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
Geche (Gonolobos)	Abundante na ilha de Chiluan, Vila da Saúde e região envolvente à mesma	Planta na linha das folhas compridas e um pouco de penas, que nasce e mata as secas e amarelas	Folhas diversas da Lamiaceae Folhas inteiras Folhas de urina Apertar de urina	Folhas Ramos Raiz	Casimento conjunto das várias partes da planta	Folhas - bebidas Casimento quanto Relaxação da urina - bebidas e casimento frio	Árvore de 12 metros	35 (3) 28 O seu uso tem regulado bem nas ulteriores e muel- quer das casais
Guano maruço		Árvore que paga das secas muito facilmente	Folhas (seiva) Purgante (semente e fruto) Vermelho (semente)	Seiva (látila) Semente Fruto	Seiva - o bebo pertinho qualquer das ramas Fruto - amado o cru	Folhas - usadas e seiva como látila semente diretamente sobre as feridas Purgante - fruto amado Vermelho - fruto cru	(40) - Data mais se sentir igual na casale para ilumi- nação	
Guayule hu (Guayulehu)		Planta na linha das secas e amarelas	Semente	Folhas	Plantas as folhas após a que se des- fazem em água	Lave-se a parte afetada com a água das folhas		33 (-) 43
Gumbilhi (Gumbilhi)	Troncos de Mangueira e can- nabais de Chiluan	Árvore de 12 metros, da qual se tira a madeira e o fruto seco e leve de tra- balhar. Cresce em locais húmidos	Gonolobos (seiva) Árvore de 12 metros que amarela (raiz)	Casca Raiz	Casca - casimento, em partes iguais com pó de benção e raiz de limão e a que se junta um pouco de mel Raiz - casimento e implos	Gonolobos - de- seiva das 12 chaves na do casimento da casca, 2 vezes por dia (da manhã em jejum e à noite). La mágica - de- seiva da criação casimento da raiz,		21 (1) -

Gurupê (Gurupá)	Tá na do Mhangus, comu- nente da Chitua na e nas arredores da Vila de Salla	Planta na beira da folha bastante de para a flor a ma- nha que se dá a m sob as secas e ano mais	Taxas para as associadas a co- lúpejas	Folhas Raiz Ramagem	Cosimento de que que as das partes da planta a que se junta uma pequena quantidade de mel por bruma e fazer um vapo	em pequenas quan- tidades enquanto as briga não desaparecerem		10 (5) 6 Experimentado com resultado
Machito			Das da briga e vêm para a r- mente nas crianças					64 (-) -
Mamãe	Illa de Chiliana	Arbusto do tipo tra- pedeiro que cresce em solos arenosos	La briga e o outro parais (la lha) Das da de r- (raiz) Com lúpejas ligi- nas (la lha)	Folhas Raiz	Folhas - podem ser preparadas e m casimento simples a usas para a uni- das da manha foras da vasa e	Com lúpeja - ma- ragem com a co- mento da briga La briga - a la lha para a uni- das da manha com a manha		- (25) - Relatores que se planta a a ma- da que se ma- medicina estai abida a ma-

16 Para as briga na ma e em Liseso, G. (1966), op. cit., "Tando a briga na mão bafo, e fazem fomentações de folhas de a mbo no", p. 27.

17 Corneio (1962), op. cit., pp. 76 e 93.

18 Ma nuscrito do ÁHU, fl. 9: "Em ambo os casos para que se aproveite as briga, tem-se conhecido nesta distrito bom resultado, parando me-
ponem que a circunstância de se tomar quente ou frio, pouca influência podem ter para os efeitos do remédio e só a maneira para de produção fido a
ma da sua aplicação."

19 "Da mesma maneira extraí muy bom azule para lha, dando mais quantidade de óleo que o próprio amendoim", Ma nuscrito do ÁHU, fl. 49.

20 Cunha, J. d'A., da (1823), op. cit., p. 11.

21 Ma nuscrito do ÁHU, fl. 31. Pode tratar-se de Alcea brachystachya (Alcea vera), Alcea apiculata ou outra das muitas variedades que ocorrem na penin-
sula iberica. Relatores já por Garcia de ORTÁ, Catálogo das Sementes e drogas da Índia (1563), ou por Frei Amador Azeite nos seus Diálogos (1589), e sua apli-
cação é múltipla e o seu espectro de ação vastíssimo. Veja-se, por exemplo, Sáez, Z. (2000), Ceta Ecología da s Plantas Aromáticas e Medicinas, C. L.,
Lisboa, pp. 45-48, ou a já citada obra de Fernández-López et al. (1996), p. 16.

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Local(s) de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específicas	Parte da planta utilizada	Preparo da preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
					passadas ligeiramente no coador de pano. Ferver - levantar a cinza quente	dissolver a picada junto na ou junto das áreas afetadas Das folhas de ramos - as raízes, do pó das passadas na cinza quente, devem ser comprimidas com o dente que se tiver a dor		
Munguá (Munguá ou Lunú)	Abundante na ilha de Chiluan, Vila de Sábala e região enquadrada na da masma	Pequeno arbusto de folhas muito miúdas, flor branca com a parte central amarelada e chamoado que nasce em solos arenosos	Folhas e dorcas da cabeça provocadas por uma picada	Folhas Flor	Fazer as folhas e as flores picadas	Sinais de picada - folhas e flores picadas	Gynandropsis gynandra L.	1 (2) 3 Comunicação sobre a designação de Munguá. Produto medicinal feito que a medicina 108
Muguni (Muguna ou Muguni)	Terras de Chirinda, continente de Chiluan e arredores da Sábala	Arbusto de folhas compridas e de pontas com cheiro agradável e ativo que nasce em locais arenosos	Dorcas da cabeça Repelente de pulgas	Folhas Ramos	Fazer as folhas picadas ou a picada de folhas e ramos sobre a lesão Rapar a raiz (fórmula) - para as dores que não se resolvem que não	Dorcas da cabeça - chamoado as folhas picadas ou a picada de folhas e ramos sobre a lesão Rapar a raiz (fórmula) - para as dores que não se resolvem que não	Lippia asperifolia 104	22 (4) 14 Forte para a liberação de acetonas e pulgas nas áreas onde se adota a medicina 106

Mussouri (Mubairiou Mussauriri)	Tomada Chirinda	Arbusto (árvore?) bastante tortuosa		Da interior aguda (um raso) Oolissas (raiz) Ha marroia!	Raiz Torno Cascas	Raiz - aproveitase a segunda casca que se nasce e se mistura com água. Expressase bem aliá obliar um hqjudo espesso Torno - aproveitase a idêntica en utilizádo para a raiz, mas junta-se ao hqjudo um pouco da farinha do milho aliá obliar um casbo gesso	Colissas - deveso do rito tomar o hqjudo obliado e partir da casca da raiz. Da interior - o do rito deveso tomar, 2 vezes por dia (da manhã e mjejum e à noite) e que nãde de casbo que lha fir passar o mar de cada vez.	4 (16) 12 São conhecidos no distrito de nome nos ulhados do uso da planta. As que tem a mltm utilização entre os pescadores nos 107
---------------------------------------	-----------------	--	--	--	-------------------------	--	--	--

- 104 Jansen e Mendes (1984-91), op. cit., Tomo 3, pp. 229-238; Coquerino (1962), op. cit., pp. 64 e 88, identifica a *Mossanga* como *Affenrostea angustata*, da família das *Rubiaceae*.
- 105 *Excoecaria agallocha*. -As sementes de mostarda negra têm grande quantidade de vitamina C. Estas sementes moídas servem para a confecção de castapleasmas e sinespiamos, para os casos de gripes, pleuritis, nevralgias e pontadas de reumatismo...», LORRIVE, J.-L. (1997), *Cesta das plantas medicinais*, Ed. Helvet Liebo, p. 92.
- 106 Coquerino (1962), op. cit., pp. 70 e 89.
- 107 -As folhas, pelo seu cheiro agradável e activo são guardadas para aromatizar as palholas. Atribue-se-lhes a virtude de afugentar as pulgas», CUNHA, J. d'Á. da (1983), op. cit., pp. 12-13.
- 108 Na nomenclatura do A.H.U., II, 22.
- 109 -Os pescadores usam d'esta erva para envenenar as linhas de pesca, que ficam com cor vermelha. Esta erva misturada com cinza de palha apresenta cor preta», CUNHA, J. d'Á. da (1983), op. cit., p. 12.

Mudangula	Árvore. São as searas e as raízes	Dois dentes Dientes simples	Raiz Caules	Caules - Crescimento e simples	Dois dentes - dentes brachistodonta várias vezes com a água do crescimento da caule	São as searas e raízes	7 (-) 28 Caules e raízes sob o nome de mud da Ocaíto ou Ocaíto
Mudanga	Árvore típica de as searas	Injeção de pó e bolhas origina- das por calor	Raiz	Músculos e raiz	União de partes afetadas da ma- teira proveniente da raiz e do	- (-) 29	
Mubanda (Mubanda)	Tratamento que ocorre em searas úmidas	Envenenamento da pele	Saiva (látex)		Leopardo uma gata no buraco e do o pelo se dá a se la- rei imediatamente mostrando logo a segur	- (31) 26 «O leite coagulado percebe de natureza da brachistodonta» ¹¹⁰	
Munginda (Munginda)	Árvore São as húmidas	Informação inter- na (raiz) Dois dentes e raízes de natureza variada incluindo as associadas a as raízes (raízes)	Raiz Folhas	Raiz - crescimento a que se junta mal Folhas - crescimento e simples	Informações - brachistodonta e dois dentes com mal dois dentes e raízes - aplica-se em searas e searas com a água em que se cozinham as raízes	15 (-) 10 «De um fruto denominado injun- da, do tamanho de uma azeitona e en- de, a seara e cor da uva» ¹¹¹	

108 CORREIA (1962), op. cit., pp. 74 e 87. Referida como *Trichilia emetica* ou *Trichilia rostrata* em função do descritor.

109 JACQUES e MENDES (1984-91), op. cit., Tomo I, pp. 139-142.

110 CUNHA, J. d'A. da (1983), op. cit., p. 15.

111 CUNHA, J. d'A. da (1983), op. cit., p. 12.

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Local(s) de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específica	Parte da planta utilizada	Processo de preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
Muchimama		Árvore que dá um fruto chamado "Ngoma" e cresce em solos secos	Escorbuto Do intestino ímper	Fruto	O fruto verde é picado junto com a melão e o uzeiromenho cozido por 15 min e fazer um coado a quente junto à rinha de nashe nim			- 0,20 Diz-se que no caso do escorbuto produz bem resultados
Munimama		Planta rasteira. Se as searas e as raízes	Doas associadas a com tipóide					45 (-) -
Munimama (Munimama)	Tomas de Chirinda	Arbusto. Se as húmidas e as raras	La mbraga das crianças (folhas e fruto) Odores (folhas e fruto)	Folhas Sementes Fruto	Folhas - as folhas brancas são picadas e a flocagem se desliza e sumo Fruto - moído o miolo do fruto e diluído com um pouco de água.	Em qualquer das situações a moer um ou outro preparado em pequenas quantidades e se necessário. No caso das folhas deve ser minitizada mais rapidamente		14 (39) -
Munimama (Munimama)	Tomas de Chirinda e continente de Chilumbe	Tree pedreira própria de solos húmidos	Odores (raiz) Fruturas (raiz) Hoxe raras (raiz) Partes d'água (folhas)	Raiz Folhas	Raiz - a raiz é cortada e a flocagem se desliza e sumo Folhas - a flocagem se desliza e sumo Folhas - a flocagem se desliza e sumo	Doas e raras - duas vezes por dia - a flocagem se desliza e sumo - a flocagem se desliza e sumo		4 (20) 24

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Local(s) de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específica	Parte da planta utilizada	Preparo da preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
Mupimbi		Árvore que cresce em solos secos e arenosos	Gomê resina Empacamento do ventre	Raiz	Cosimento com mel	dada-se a beber, se possivelmente, a 12 colheres do cosimento das folhas		59 (-) 16 « Dia o autor da relação que dá maravilhosas resultados » 113
Mucuel-a (Mucuelua)		Árvore	Dona da cabeça Redecimenter do baco				Árvore da família gerardiflorae 114	37 (-) -
Mucujer (Mucujaju, Mucujaju ou O la me rihum)	Illa de Chiliana	Árvore Solos húmidos	Trêsse penitência acompanhada de sacrisias de sangue Enfallecimento Facundidade feminina	Folhas	Na roupa da filha pinçada com hidro mel	Trêsse - dada-se na roupa Facundidade feminina - dá-se m co mo se as folhas lenhas, em jejum, todas as dias	Trêsse rindus Indica	9 (23) 8
Munera		Árvore	Lenha rinda					49 (-) -
Muria Bonidim		Árvore	Com tipagias					43 (-) -
Mundim (Mundim)	Trêsse de Chirinda, continente Iho muiro a Chiliana e nas proximidades da Vila de Sofala	Árvore que dá um fruto muito semelhante à amora e cresce em solos húmidos	Trêsse com a urina e resina	Raiz Casca	Cosimento da casca ou da urina e qual se junta uma pequena quantidade de mel	Dada-se ao doente, a mais que uma porção ou a metade vezes mas em pequena quantidade	Árvore senegalensis subsp. Senegalia mii 115	8 (27) 9

Munheira	Na Dardie, prout da Vila de Saiba	Árvore Sobas húmidas	Cura de canseira	Casca	Aplicação da casca depois da cura		Erythrophloeum guineense 116	46 (35) - É desta árvore que se prepara o Mueu- vito ou Mueu 117
Mueu			Retenção de urina					57 (-) -
Mueuêia		Árvore que cresce em sobas húmidas	Dardie de ruias Feridas nas gen- givas	Folhas Casca	Casca - crescimento simples Folhas - inibição das folhas picadas	Dardie de ruias - baci-fuchas com o crescimento da casca, bem que ruias Feridas - baci-fu- chas com a inibição das folhas		(-) 8 «Os cañeiros de Saiba empregam as ruias no curti- mento da pele» 118
Mueu rapetua (Mueu rapetua)		Tapete de folhas miúdas e compridas que cresce em sobas húmidas 119	Colicas	Folhas	Inibição das folhas picadas	70 meses a inibição em pequenas porções		50 (-) 35
Mueu rapetú		Tapete de sobas húmidas	Colicas	Folhas				5 (-) -
Mulinje		Árvore	Dardie de pedras Retenção de urina					48 (-) -

112 Cunha, J. d'Á. da (1833), *op. cit.*, p. 13.

114 Sousa, A. G. e (1967), vol. II, p. 640; Corneiro (1962), *op. cit.*, pp. 73 e 88, identifica a *Megacoma* como *Seyoum* (taxonomia da família das *Loganiaceae*).

115 Jansen e Menezes (1984-91), *op. cit.*, Tomo I, pp. 151-160; Corneiro (1962), *op. cit.*, pp. 65 e 89 identifica *Mueu* como *Adansonia digitata* da família das *Simarubaceae*.

116 Corneiro (1962), *op. cit.*, pp. 68 e 89.

117 Na nomenclatura da H.U., fl. 41 «É com que se encuta nos seções vizinhas o juramento de noiva do Mueu, ... e Mirmão os próprios cañeiros, que não produzem a morte, mas sem que ficando perdidos os sentidos, algumas vezes julgam por tal acto condenado o suposto criminoso e neste estado é que o matão...»

118 Cunha, J. d'Á. da (1833), *op. cit.*, p. 11.

119 Em Cunha, J. d'Á. da (1833), *op. cit.*, p. 16, lê-se «dá-se em la mannos saccos».

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Localidade de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específicas	Parte da planta utilizada	Processo de preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
Mulatu		Árvore sob as humidas	Soma e outras irrupções da pele					32 (-) -
Mulavari (Mutivamy ou Mutivari)	Abundante na Ilha de Chiluan e na arredores de Sofala	Planta na leira (arbuta?) que dá uma sepeia de casulo em forma de bicho encarnado com alho preto. Cresce em solos arenosos e secos	Tubo e base com vulva, em partecular nas crianças	Raiz	Casimento e implante da raiz	Dava tomara o casimento quente e em pequenas doses	Árvore prosa tria 120	20 (2) 15 Serve como estroto de abacax 121 Especiamente eficaz nas crianças 122
Mutundo	Tomas de Chirinda e arredores de Chiluan	Árvore que dá um fruto na leira e manga africana e que cresce em solos húmidos	Folhas (folhas e flores) Com tipogias (folhas e flores) Rebanhar lumaas (fruto e raiz)	Folhas Flores Fruto Raiz	Folhas e flores - passadas a mola sem qualquer óleo Fruto - refina-se e coze para ser cozinada e misturada com o leite Raiz - mola e aquecida	Folhas e com tipogias - usa-se o doente com as folhas e flores, depois de passadas em óleo. O doente deve ser ensinado a segurar a folha e a provocar a sua urina pingando. Tumores - usa-se o unguento, na ulceração da mola da cabeça com o com o leite, e inseta moída na parte do corpo afetada ou após.	Canthyla africana 123	25 (15) 19

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Local(s) de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específicas	Parte da planta utilizada	Preparo da preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
						da raiz em que se queira assar e com ela, aquecido nas palmas das mãos, que se massageiam as áreas afetadas após o que o doente deve agachar muito bem. Pontadas – aplica-se diretamente a nádega sobre a zona afetada. Fábica – va por via do crescimento das folhas		
Muriva (Muvuca, Muvuca)		Árvore de frutos compridos, de nome Ywa, semelhantes à Jaca que cresce em solos húmidos	Cicatriza as feridas e resacas e o útero não se põe a cicatrizar	Fruto Casca	Fruto – amassa-se o miolo do fruto que se coze com a casca por 1, 2 ou 3 dias	Aplica-se a pasta do miolo do fruto ou a casca do mesmo, diretamente na área afetada, 2 vezes por dia		26 (24) 41 Bone nas ulcões 127
Musanga (Mushinga)		Árvore Sabiá seca e amarela	Feridas e rebochos Tumores	Rosina		Torna-se – aplica-se a resina diretamente na área afetada, 2 vezes por dia		28 (-) 37

Musindimura (Bachusindimura)	Na aldeia Chisungu da Vila de Salto	Trata-se de uma planta que cresce em solos húmidos	Os frutos Indigestíveis Debilitam as crianças das cabanas (cabana-madeira)	Raiz Folhas	Usada simpli ou em casimento	O diário contém um pedaço da raiz fresca ou bebido casimento da mesma	6 (36) 22 «O cheiro das raízes remedia, as debilidades, a coxa mole, a paralisia, a paralisia da perna com muita facilidade mata a sendo esta remedia da que se serve m as Baía das canções da Bacia rubra» ¹²⁵ para apertar a coxa que se coxa da se grande guerra
Higumba		Planta nativa da Baía das cabanas	Das associações a dos que se usam				60 (-) -
Higumba	Illa de Chiliana	Arbusto de folhas compridas que nasce em solos		Das da raiz, indigestão da coxa mole indigestão	Raiz Folhas	Raiz - Casimento na porção da língua parca da	13 (1) ? «É conhecida em algumas partes da

¹²⁵ LIEBOWITZ, G. (1966), op. cit., «Os Cavaões (canções)», op. cit., I, pp. 521-523, como qualquer, outra fenda curio desta forma: tomão o fruto da árvore da madeira Mowwa, que ha a mesma que ha em Moçambique, e dá o seu fruto do lado da peixe, e conhecida com o nome da Ma lumbrêre, queimão, e o depois pisão muito bem, e com o pó muito fino, depois de terem lavado as folhas e com água em que tenha o poço por se pagar de dous, ou tres dias a metade de hum dos frutos com os verticais imensos, pulverizado as folhas e assim vão praticando a cura em», p. 28.

¹²⁷ Em CUNHA, J. d'Á. da (1833), op. cit., p. 17, lê-se: «Affirma o sr. Guilherme Hermenegildo da Silva, a quem deve mos esta relação, que em 48 horas se conhece a bona natureza d'esse remédio».

¹²⁸ Em CUNHA, J. d'Á. da (1833), op. cit., p. 17, lê-se: «Árvore que se dá em terreno húmido».

¹²⁹ Ms. n.º 100 do AHU, fl. 42. Lê-se ainda em CUNHA, J. d'Á. da (1833), op. cit., p. 14: «Affirma o mesmo informador que o cheiro d'esta planta entorpece a coxa e ponto da da raiz e mata a se a raiz, o que ella mesmo presenciou».

		raça, d'a planta entro a raça da palma, da folha secas e milidas a raça moça. Cruza a moça hu- mida e a raça	le riza da fractura (raça) Hu riza (raça)		da pomada ou crema. A raça moça ser previamente curada seguida as raças e depois mangulhada em agua fria	divas aflectas, manejado 2 vezes por dia (da manhã e à tarde) durante vários dias. Fracturas - aplica- se uma vez por dia a pasta na ulna da raça e a batida, e envolvendo a raça fracturada ordena aplicam igualme nte umas folhas de co- miludo. Mas o fha lmas usa- se a agua ordena de molha as manipem carbas	goma, a pela divas matura na cap. 135
--	--	--	---	--	---	--	---

120 Para os males do estomago e ventre na febre em L. (1966): «Os purgantes aplicão a lha quando alguma pessoa se sente cheio de vicio do estomago e ventre, o purgante, que applico geralmente ha huma raiz de planta chamada Mo fha, que se esende que se esende pelo chão como a que da a batida, cuja folha ha radonda; apanhada a raiz pisão em hum pilão, ao depois de lá do lado dentro da agua, para que a agua o suco; com agua assim preparada cozinão huma especie de canja da farinha de milho, e dão a comer ao enfermo, que tro, ou cinco colheres, passadas a lha, ou oito horas entra o mesmo a lha no todo o vicio, seja da que que lidade for que se viver, ou no ventre, ou no estomago, ao depois lha dão a comer mago da farinha de milho com algum fran- go esado com bem pouco sal». p. 27.

121 CUNHA, J. d'Á. da (1833), op. cit., p. 11.

122 Ma nuscrito do A. H. U. II. 18.

123 CUNHA, J. d'Á. da (1833), op. cit., p. 14.

124 Para as náveas na febre em L. (1966), op. cit., «da náveas que costumão crissar nos olhos, curião da maneira seguinte = corião hum dos dedos do pe de hum pombo, e dáão o pingar o sangue em cima da náveas», p. 28.

125 CUNHA, J. d'Á. da (1833), op. cit., p. 15.

Quadro 2

Sofala: Plantas e ervas medicinais referenciadas para a segunda metade do século XIX (continuação)

Designação local	Local(s) de ocorrência	Descrição e habitat da planta	Utilização específica	Parte da planta utilizada	Preparo da preparação	Forma de administração	Identificação	Observações
						caso pro mba, várias vezes ao dia, para as folhas do doente		
Ruanga rana	Ilha de Chiluanha e praias de Sofala	Planta na linha da maré, com folhas e flores brancas e amarelas, com frutos vermelhos e amarelos.	Gonorréia Infecção da uretra Podalimonia da bexiga (folhas e raiz) Nematose Tuberculose	Folhas Raiz	Folhas e raiz são preparadas em suco e usadas para tratar a gonorréia e a tuberculose. A raiz é usada para tratar a bexiga.	As folhas e raiz são preparadas em suco e usadas para tratar a gonorréia e a tuberculose. A raiz é usada para tratar a bexiga.		16 (13) -
Ruanga (Ruanga)		Planta na linha da maré, com folhas e flores brancas e amarelas, com frutos vermelhos e amarelos.	Do as variedades incluídas as de casaca e paradas associadas a com tipologia	Folhas	Planta e as folhas preparadas e usadas para tratar a gonorréia e a tuberculose.	Depois de preparadas as folhas e raiz são usadas para tratar a gonorréia e a tuberculose. A raiz é usada para tratar a bexiga.		18 (13) 11 «da folhas verdes, não picadas e aplicadas sobre a pele, produziram comichão» 13
Sunagipi		Trapaça	Cura de feridas					53 (-) -
Uiri			Envenenamento de Ratos					55 (-) -

Uuru		Solos húmidos	Envenenamento de flocos	Semente	A semente é pisada e misturada com areia			54(-) 32 Prova grande comichão no corpo humano
Oivu		Árvore Solos húmidos	O Na líria e outras doenças de olhos					56 (-) -
Yalta (Yuda)	Nas terras da Quilwa	Palha que cresce nas raias e cria uma bolha	Indicações Indicação de se o fogo colisa	Bolha	Unete a bolha crua ou em co- mento			47 (34) - « É se molhado m- que se vai a sem- pre andam muni- das, trazendo no perçoço algumas bolhas enfadas e a firma m ba m resultado na aplica- ção do remédio » ¹³⁷
Zavazava	Ti mas de Hha ningu e co nũ- mento de Chilwa na	Arbusto por vezes chamado figueira do infante	Árvore (aia) Folhas provocadas por fraturas ou queimaduras (folhas)	Raiz Folhas	Raspas a raiz, depois de secar a sombra, e as folhas são passadas no coar do fogo	Árvore - das na pa- da raiz flocos m- os raios que, mistu- rados ou não com leite ou do leite deve fuma r Folhas - deve m aplicar raiz de flocos menta as folhas que nã o	Datura stramo- nium ¹³⁸ 12 (26) 15 A semente desta planta é usada para matar na que nã o misturada com amendoim ou gengelim ¹³⁹ trazido	

¹³⁶ CUNHA, J. d'Á. da (1883), *op. cit.*, p. 12.

¹³⁷ Ma nuscrito do AHU, fl. 40.

¹³⁸ CUNHA, J. d'Á. da (1883), *op. cit.*, p. 13.

¹³⁹ Ma nuscrito do AHU, *op. cit.*, fl. 32: «... com a semente desta planta se consegue a facilidade de matar na lã, fazendo d'ella um preparado com man-
douim ou gengelim torrado, e movido pelo chafre desta preparado, todos os raios que o comensal se entregam à morte e passando a lã em toda a parte.
Faz o remédio desta virtude com o fim de mostrar os matos e acclimamentos sobre as plantas para, por meio da mesma competente, poder conhecer o
que a respeito d'ellas ainda se haja occulto ».

QUADRO 3

Sofala: Plantas e ervas medicinais**(partes utilizadas, preparação e formas de aplicação reportadas a 74 plantas referenciadas)**

		Ref ^{as}	%
Partes utilizadas	Raiz	24	32,43
	Folhas	33	44,59
	Flor	3	4,05
	Fruto	8	10,81
	Tronco	1	1,35
	Casca	10	13,51
	Ramagem	5	6,75
	Resina (seiva / leite)	7	9,45
	Sementes	4	5,40
	Outros	3	4,05
	Só 1 parte da planta é aproveitada	29	39,18
	Mais do que 1 parte da planta é aproveitada	31	41,89
	Desconhece-se qual(is) a(s) parte(s) da planta que são utilizadas	14	18,91
Formas de preparação	Dissolução	7	9,45
	Cozimento	27	36,48
	Infusão	3	4,05
	Em fresco sem qualquer transformação	14	18,91
	Moer, raspar, pisar, espremer, secar ou aquecer	25	37,78
	Outros	1	1,35
Formas de aplicação	Aplicação directa depois de moer, raspar, pisar, espremer, secar ou aquecer	25	37,78
	Cataplasma	6	8,10
	Sinapismo	2	2,70
	Emplastro	1	1,35
	Pasta / Pomada / Unguento	7	8,10
	Massagens e Unturas	9	12,16
	Suadouros	1	1,35
	Vapores e inalações	4	5,40
	Xarope	3	4,05
	Solução líquida para beber	24	32,43
	Solução líquida para lavagens	3	4,05
	Solução líquida para banhos	4	5,40
	Solução líquida para bochecar	3	4,05
	Utilização exclusivamente medicinal	60	81,08
	Utilização não medicinal	3	4,05
	Utilização múltipla (medicinal e outra)	11	14,86

QUADRO 4

Sofala: Distribuição regional das plantas e ervas medicinais referenciadas

Região	Plantas e ervas medicinais
Chiluanne (Ilha de)	Chicarafunda, Cluvumbuani, Chiviroviro, Diamgaranga, Gambacamba, Gôcha, Menfuta, Muanga, Mucuiu, Muquàjer, Mutivarvi, Mutondo, Mutungumuja, Nhambaràja, Ruangarara, Zavazava
Chiluanne (continente de)	Chicunxavutúa, Chissacaça, Gumbilhi, Gurujà, Muçani, Mouvôre, Murôro, Nharuevihive, Rinja
Chirinda (Terras de)	Muçani, Mucassiri, Muovôre, Murôro, Mutungamaxéxi, Nharuevihive, Rinja(há)
Dendirá	Mussânda
Machanga (terras da)	Bassinga , Durura
Mopranhi (? terras de)	Chissacaça
Nharingue (terras de)	Chicunxavutúa, Gumbilhi, Gurujà, Zavazava
Quiteve (terras de)	Vatía
Rio Save (margens do)	Bassinga
Sofala	Chissacaça, Chivumbuani
Sofala (arredores de)	Chicarafunda, Muçani, Mucuiu, Mutivarvi, Nharuevihive, Gurujà, Murôro
Sofala (praia de)	Ruangarara
Sofala (próximo da Vila de)	Murôro
Sofala (região envolvente a)	Gôche, Muanga
Sofala (sertão de)	Mucuiu
Sofala (terras vizinhas a)	Nharuevihive
Sofala (Vila de)	Gambacamba, Gôche, Muanga
Sofala (Vila de)- Aldeia de Chicoge	Muxindimure
Distrito de Sofala (sem localização precisa)	Bangamuzi, Chicii-o, Chiguimamuriro, Chipandara, Dia, Dithi, dembe zico, Dundurúta, Furanvune, Guaramarúco, Guaquàchu, Macohôo, Muchiquiri, Mucinde, Mudangù-a, Mudinja, Mukonde, Mungínda, Muchomgoma, Munhambane, Muoxioxi, Mupêje, Mupimbi, Muquacú-a, Murara, Muria Bondôro, Mussára, Musekissa, Mussoropatue, Musso-ropotiù, Mutinja, Mutietu, Muvive, Muxenga, Nhagamba, Pumbururu, Ruenha, Suracugi, Utúro, Úvo

QUADRO 5

Sofala: Doenças mais comuns – identificação e tratamento

Doença	Plantas e ervas utilizadas no seu tratamento
Asma	Zavazava (raiz)
Ataques de madre	Bangamuzi, Chipandara
Baço (Problemas de)	Muquacú-a
Bexiga (Problemas de)	Ruangularara (folhas e ramos)
Cancro (queimar)	Chiviroviro (seiva)
Cancro (cura)	Mussanda (casca)
Cancro (rebentar)	Mutondo (raiz e fruto), Nharuevihivi (folhas)
Cólicas	Dembezico (folhas), Mucassiri (raiz), Munxòro (folhas e fruto), Musso-ropatue (folhas), Mussoropotiu (folhas), Muxindimure (raiz e folhas), Vatia
Constipações	Ruenha (folhas), Mutondo (folhas e flores)
Constipações (ligeiras)	Menfuta (folhas), Muria Bondôro
Contusões	Chicarafunda (folhas)
Desinterias	Chissacaça (folhas de), Mundangü-a (raiz), Muchomgoma (fruto)
Desinterias agudas	Chivumbuani (folhas e flor), Mucassiri (tronco)
Doenças venéreas	Chiguimamuriro (raiz)
Dores associadas a constipações	Munhambane, Mutungumuja (raiz)
Dores associadas a contusões	Mucuiu (resina)
Dores associadas a doenças venéreas	Nhagembe
Dores de barriga	Nhambaràja (raiz), Pumbururo
Dores de barriga (crianças)	Macohôo
Dores de cabeça	Chivumbuani (folhas), Dembezico (folhas), Muoxioxi (frutos), Muçani (folhas), Munginda (folhas), Muquacú-a, Mussana (folhas), Ruenha (folhas)
Dores de cabeça associadas a constipações	Muanga (folhas e flor), Muginde (folhas), Ruenha (folhas)
Dores de dentes	Chicii-o, Menfuta (raiz), Muchiquiri, Mundangü-a (casca), Mutungamaxéxi (casca)
Dores de estômago	Nhambaràja (raiz)
Dores de «pedra»	Mucui (água da raiz), Mutinja
Dores reumáticas / reumatismo	Bangamuzi, Muchiquiri, Mutungumuja
Envenenamento de origem vegetal (antídoto)	Furanvure (folhas)
Equizemas e borbulhagem por calor	Mudenja (raiz), Mutietu
Escorbuto	Muchomgoma (fruto)
Esfalfamentos	Muquàjer (folhas)
Estimulante das glândulas mamárias	Durura (fruto)
Extracção de dentes	Mupeji (resina)
Fecundidade feminina	Muquàjer (folhas)
Febres	Mutondo (folhas e flores), Gòche (folhas, rama e raiz)
Febres associadas a constipações	Muanga (folhas e flor), Muginda (folhas), Mutungumuja (folhas)
Febres intermitentes	Gambacamba (raiz), Gòche (folhas, ramas e raiz)

QUADRO 5

Sofala: Doenças mais comuns – identificação e tratamento (*continuação*)

Doença	Plantas e ervas utilizadas no seu tratamento
Feridas (cicatrização)	Chiviroviro (seiva), Dia (raiz), Dundúrua (fruto), Gambacamba (folhas), Guamarúco (seiva); Muvivu (fruto e casca), Muxenga (resina), Nhambaràja (folhas)
Feridas nas gengivas	Mucuiu (resina)
Feridas por fractura ou queimadura	Zavazava (folhas)
Fracturas	Bangamuzi, Chicarafunda (folhas), Muovère (raiz), Rinja (raiz)
Gonorreia (gonomas)	Chicarafunda (folhas), Diamgaranga (folhas), Dithi (casca), Gumbilhi (casca), Mupimbi (raiz), Ruangarara (folhas e ramos)
Hemorroidal (Chirengozi)	Mucassiri
Hérnias	Suraçuagi
Indigestões	Muchindimure (raiz e folhas), Nhambaràja (raiz), Vátia (babata)
Indisposições de estômago	Nhambaràja (raiz), Vátia (batata)
Inflamações internas e externas	Chicunixavatua (raiz)
Inflamações externas	Chissacaça (sementes)
Inflamações internas	Muginde (raiz)
Inflamações resultantes de fracturas	Rinja (raiz)
Inflamações resultantes de problemas na uretra	Ruangarara (folhas e ramos)
Laxante	Murara
Laxante (crianças)	Dundúrua
Lombrigas	Gòche (folhas, rama e raiz), Menfuta (folhas), Munxòro (folhas e fruto)
Lombrigas (criança)	Gumbilhi (raiz), Munxòro (folhas e fruto), Mutungamaxèxi (casca)
Nevralgias	Muovère (raiz), Rinja (ramos)
Oftalmias	Muovère (raiz), Rinja (ramos), Úvo
Partos (para facilitar partos difíceis)	Chicarafunda (folhas), Muovère (folhas)
Pleuresias	Mutungumiya (raiz)
Pontadas	Chicarafunda (folhas), Mucuiu (resina), Mutumgumya (raiz)
Purgantes	Guamarúco (semente e fruto)
Purgantes pós-parto	Mupeji (folhas)
Queimaduras	Chigimamuriro (raiz)
Retenção de urina / aperto da uretra	Diamgaranga (folhas), Gambacamba (raiz), Gòche (folhas, rama e raiz), Mussàra, Mutinj
Sarna	Dithi (folhas), Guaquàchu (folhas), Mutietu
Tosse	Chissacaça (raiz), Mutivarvi (raiz), Ruangarara (folhas e ramos)
Tosse convulsa	Chissacaça (raiz), Muròro (raiz e casca), Mutivarvi (raiz)
Tosse persistente associada a constipação	Gurujà (folhas, raiz e rama)
Tosse persistente com escarros de sangue	Muquàjer (folhas)
Tumores	Muxenga (resina), Nhambaràja (folhas), Nharuevihive (raiz e folhas)
Vesícula	Mutungumuja
Vómitos	Pumbururu, Guamarúco (semente e fruto)
Vómitos (crianças)	Macohão

Breves Noções sobre a Medicina Cafreal do Distrito de Sofala

[fl. 1] *Prefacio*

Comquanto seja eu em botanica o mais leigo na materia, tomei a deliberação de apontar, o que a esperiencia adequerida tanto no meu paiz, quanto nos sertões vezinhos me sugeriu acerca da medecina cafreal, ou dos remedios que as tribus do interior empregam nas suas doenças.

Da existencia de muitas plantas virtuosas, é assumpto inteiramente sujeito a pouca contestação pelo que, muitos viajantes, europeu (*sic*) já tem conhecido, nos sertões d'africa oriental, e para se poderem conhecer as suas virtudes, ouzei já apresentar, ao Governo, uma collecção, de remedios do Paiz, de que ainda não sei o rezultado.

Bastante estimarei, que o rezultado deste trabalho, ande a par dos meos desejos, em se convencer, o Governo, da minha bôa vontade, em mostrar, o que, destas terras, se me figura pouco conhecido na Europa.

Colocando me, no campo das letras em character, de úm mudo, so aspiro, merecer a benevolencia, de ser comprehendido, o sentido das minhas desalinhasdas phrases, para o fim que tanto anhel-o, nestas paragens, aonde infelizmente, qualquer empresa particular, está sugeita, a lucta clandestina, dos antagonistas, que mais ou menos, apparecem com interesses opostos.

Mui abundantes, são n'este districto, os remedios cafreaes, e d'elles, bem se poderia, tirar consideraveis resultados, se por ventura, úma pessoa competente/[fl. 1v]mente habilitada, se destinasse, a úma viagem, pelos sertões deste districto, para segundo, as minhas informações, ella poder faser, os ensaios que entendesse precisos, aproveitando, de fresco as plantas – e jamais, estudando, a maneira de poder, chegar a Europa, a planta denominada Durûra, que tem já, na Provincia virtudes, conhecidas em fazer, vir leite, em qualquer mulher já de idade. – Estas virtudes, se não fossem, conhecidas, em muitos districtos desta Provincia, certamente, que eu me acobardaria, em apregoala-s, para evitar, que da incredulidade, passando para a duvida; desta, não fosse levado, a certeza, e como porém tenho provas desta verdade, para as apresentar, no sentido que a medecina por ventura precisar, por esso entre outros remedios, que mandei, foi tambem este. Oxalá que tenha chegado, no estado favoravel, para o ensaio de suas sublimes virtudes, e sem desestir, do meo pensamento por este lado, tomei, por mais esta vez, a idêa de faser breves, apontamentos acerca dos remedios, que n'este districto, são mais conhecidos, pelas suas respectivas nomeclaturas, como ao diante se segue. Em varios escriptos antigos consta, existir nos sertões vizinhos, algumas obras, de pedra e cal, e gravuras, feitas em varios rochedos, de muita grandeza, e conquanto, a esse respecto tenha feito, algum sacrificio pecuniario, para obter, a maior soma, de esclarecimentos; todavia, elles não teem sido, para mim bastantes, porque, os individuo-s, que pela maior parte, tenho in/[fl. 2]cumbido desta deligencia, são homens, que não

sabendo, ler nem escrever, não me teem podido, dar as explicações, que fracassacem, de me afirmarem, a existencia, de uma casa de pedra; alicerces, de uma grande fortaleza, e uma pessa de artelheria de ferro, de piqueno calibre, afirmando-me, úm individu-o das Ilhas de Cabo Delgado, que se achava, em Sofalla no anno de 1847 comerciando, com a Casa de meu Pai, de nome António Xavier Pereira, que víra pela janella, da dita Casa, úm Caixote grande, com muitos papeis velhos, e que elle, tendo querido ir velos; o Regulo da Terra, lh-o não consentira (1) ¹⁴⁰. Esta Caza existe, no citio Chiquanda, distante de Sofálla, cerca de vinte dias, de marcha regular. – Da existencia, de varias inscripções, nas paredes, da dita [casa] ¹⁴¹ esto, me foi tambem, afirmado, pelo mesmo individu-o, que me afirmou, a existencia dos ditos papeis, dizendo, que os letreiros, erão feitos em character, que elle , não comprehendeu (2) ¹⁴² . Eu a mais tempo, desejei, faser úma viagem a aquelle citio, e aos outros //[fl. 2v] aonde, varios comerciantes cafres, me afirmão, a existencias de outras antiguidades, dignas de aproveitamento; porém, como a minha vida publica, tem sido de empregos, de ordenado, que mal chega, para alimentação, de minha numeroza familia; por isso, ate hoje, não tenho podido passar, da duvida para a certeza, do que existe, nestes sertões, em triumpho, das nossas primeiras conquistas!, e seria muito para desejar, que as nossas distinctas illustrações de Lisbôa, auxiliando os meos desejos, me porporcionasse, os meios precizos, para úma viagem pello sertão, de cinco a seis mezes, para no fim d’ella, apresentar, com verdade, tudo quanto, de notavel encontrasse, e como eu já esteja, em idade, que para as terras d’Africa, é bastante adiantada (58 anos), precisava para esta digressão, de uma bôa barraca, de campanha, aonde, me podesse, abrigar das injurias do tempo, entre povos, para mim desconhecidos, e ambiciosos de condição (1) ¹⁴³ – e quando, a cooperação, dos nossos eminentes, homens d’Estado, me facilitasse, pelo Governo esta viagem, tambem desejaria, na idade em que estou, se me facilitasse, o regresso ao Reino, para ali devidamente, informar sobre o rezultado, d’ella, e mesmo esclarecer, sobre muitas cousas, que tenho em papeis velhos. Como úm acto de dedicação, //[fl. 3] ao Governo, é hoje, para mim esta, a idêa, das minhas principaes aspirações, como úm dos filhos, de Sofálla, que não tendo, passado no seu Paiz, da classe de aluno de instrucção primaria, se esforça, o mais possivel, em fazer, conhecer, tudo quanto, de notavel se me figura, acerca deste districto. Oxala ! Que ainda, no resto dos meos dias, de vida, possa fazer, mais úm serviço,

¹⁴⁰ (1) é bem provavel que se este pedido fosse feito com algum sagoate ao mesmo Regulo, elle não só franquiaria a leitura dos papeis, como *tambem* os vendia.

¹⁴¹ Esta palavra está escrita sobre a linha.

¹⁴² (2) este individu-o sabia ler alguma couza, e assignava o seo nome, como muitos assinam em africa, sem saberem outra couza.

¹⁴³ (1) é norma seguida pelos cafres, o receberem exagerada paga por qualquer serviço que prestam ao branco, que apareça nas suas terras, sendo os proprios Regulos os Lobos mais famintos.

importante, por quem ate hoje, a minha familia tem sido alimentada (1) ¹⁴⁴. Esta expressão, genuína e sincera, será sempre, o padrão indelevel, que se assentará, sobre, a minha louza sepulcral, atestando, a dedicação, homenagem, devida, como o reconhecimento, pelo bem recebido.

Chilluane 4 de Março de 1884
O professor d' instrução primaria
Guilherme Hermenegildo Ezequiel da Silva //

[fl. 4] Nota explicativa de varios remedios cafricaes, que os pôvos dos sertões vizinhos, e ate mesmo os deste districto empregão nas suas doenças (1) ¹⁴⁵

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada (2) ¹⁴⁶
1	Muanga	Seco, e arenoso	arbusto	As suas folhas, tem aproveitamento nas febres, e dores de cabeça simples, provenientes de constipação
2	Gambacamba	Idem	Rasteira	As raizes tem aproveitamento em lugar da raiz de althêa, e as folhas serve de ungoento nas chagas simples
3	Rinja	Humidos	Trapadeira	A súa ramagem tem grande aproveitamento nas oftalmias, e a raiz nas fracturas, e ataques nervosos
4	Muovòre	-// -	-// -	O seu aproveitamento é só da raiz para os mesmos casos do nº antecedente-
4	Mucassiri	-// -	arbusto	É remedio aproveitavel nas desenterias agudas, usando das raspas da raiz, e para colicas, as suas folhas //

¹⁴⁴ (1) tanto os meus avós, paternos e maternos, quanto meo pai, e finalmente eu, sempre tivemos o pão do governo.

¹⁴⁵ (1) é certo que os cafres ignorando completamente, a utilidade da nossa medicina, elles se tratão, e recobram a saude, com o emprego de seos remedios, sendo certo, que mesmo no districto, muitos á que não tendo fé com o *tratamento* de alguns facultativos d'India, se sugeitão aos remedios do paiz

¹⁴⁶ (2) na discripcão que acompanhou as amostras enviadas ao Governo da metropole, está declarada a forma da applicação dos remedios, o que não vai nesta, em vista do maú estado de minha saude, o não permitir nesta occasião.

[fl. 4v]

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada
5	Mussoropotiu	Humido	Trapadeira	Serve para as dores de colicas, aproveitando se das folhas desta planta
6	Muxindimure	- // -	Idem	Para o mesmo fim, e para faser com o seu cheiro deblitar as forças da cobra mais venenosa, a pontos de de (sic) poder agarrar a mão
7	Mudangù-a	Seco, e arenoso	Arvore	A raiz tem applicação tanto na cura de dores de dentes, quanto nas diarrêas simples
8	Murôro	Humido	- // -	A sua raiz tem grande applicação nas toxes rebeldes
9	Muquàjer	- // -	- // -	As folhas do mesmo é remedio especial para a dita doença, e mesmo para esfalfamentos
10	Gurùja	Seco, e arenoso	Rasteira	É aproveitado para toxes constipatorias, fazendo-se uso das folhas e ramagem.
11	Mucuiu	Humidos	Arvore	A rezina é aproveitada para a cúra das chagas nas gengivas, e a agôa aproveitada nas suas raizes, para dores de pedra.
12	Zavazava	- // -	arbusto	A raiz serve para a cura da asma, e as folhas para a de chagas provenientes de fractura, ou fogo.
13	Nhambaràja	Seco, e arenoso	- // -	A raiz é aproveitada para cura das dores de barriga, indisposições do estomago tambem, e as folhas para chagas.
14	Munxòro	Humido	arbusto	Tanto as folhas, como a semente tem applicação para a cura das lombrigas. //

[fl. 5]

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada
15	Mungínda	Humido	arvore	A raiz tem aplicação nas inflamações enternas, e as folhas para febres constipatorias e outras doenças.
16	Ruangularara	Seco, e arenoso	Rasteira	Serve para a cura de gonomas, e aperto da uretra.
17	Chicarafunda	- // -	- // -	Para facilitar os partos, e para as dores reumaticas -
18	Ruenha	- // -	- // -	É aproveitada nas dores de cabeça e outras que tenham por legitimidade de causa a constipação
19	Mutungamaxexi	- // -	arbusto	Tem aplicação nas dores de dentes e também aplicão-o nos incomodos das creanças padecentes de lombrigas.
20	Mutivarvi	- // -	Rasteira	Serve nas toxes como o extracto de alcacuz, e aproveitamento nas creanças
21	Gumbilhi	Humido	Arvore	É aproveitada a sua casca para a cura de gonomas, e outras doenças.
22	Muçani	Seco, e arenoso	Arbusto	É aproveitada em folhas, para as dores de cabeça
23	Mutungumuja	- // -	- // -	A raiz é aproveitada em dores constipatorias de qualquer natureza, e também serve de vizadorio //

[fl. 5v]

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada
24	Diangaranga	Em alagôas	É semelhante a alface	É applicavel em cosimento nas supressões de urina
25	Mutondo	Humidos	arvore	As folhas tem applicação para fazer promover a transpiração, e a casca do seu fructo para fazer arrebentar qualquer tumor
26	Muvive	- // -	- // -	Para curativo de chagas cancerozas e outras doenças mais
27	Muoxioxi	Seco, e arenozo	Arbusto	Tem bastante emprego nas dores de cabeça, por meio de espirros, que o remedio promove
28	Muxenga	Humido	Arvore	A rezina extraida da mesma, é aproveitada no curativo de chagas rebeldes
29	Dundurúa	Seco, e arenoso	Arbusto	É applicado em curativo de chagas rebeldes, e tambem promover evacuação nas creanças
30	Chivumbuani	- // -	- // -	Tem grande emprego nas desenterias agudas
31	Mupeji	Humido	arvore	Serve para tirar qualquer dente doloroso, e tambem para facilitar a purga-ção em mulheres paridas, quando por qualquer circumstancia esta esteja

[fl. 6]

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada
32	Mutietu	Humido	arbusto	É aplicavel nas errupções da pel, e ate mesmo em sarnas
33	Guaquàchu	Seco, e arenoso	Rasteira	Tem expecial aproveitamento na cura de sarnas
34	Dia	Humido	Trapadeira	Aproveitado como degistivo na cura de chagas
35	Gòche	Seco, e arenoso	Rasteira	É aplicado em cosimento nas febres e serve tambem para lombrigas
36	Nharuevihive	- // -	- // -	Para fazer arrebentar qualquer tumor independente de outros meios
37	Muquacú-a	- // -	arvore	É aplicado nas dores de cabeça, e tambem em padecimentos de Baço
38	Chicii-o	- // -	arvore	Aproveitado nas dores de dentes
39	Chipangàra	- // -	- // -	Para padecimento de madre
40	Dembezico	Humido	arbusto	Aproveitado nas dores de colica //

[fl. 6v]

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada
41	Muchiquiri	Humido	arvore	Aproveitavel nas dores reumaticas, e nas dos dentes tambem
42	Chicunixavutúa	– // –	Trapadeira	É de reconhecidas virtudes no districto para fazer rezolver as inflamações quer internas, como externas.
43	Muria Bondôro	– // –	arvore	É aproveitada para constipações
44	Chissacaça	– // –	arbusto	É aproveitada em toxes convulsivas
45	Munhambane	Seco, e arenoso	Rasteira	Aproveitavel em dores constipatorias
46	Mussânda (1) ¹⁴⁷	Humido	arvore	É aproveitável na cura dos cancaros
47	Vatia	– // –	Palha que nasce em riachos, e cria uma batata	Aproveitada nas dores de colica, e toda a indisposição do estomago
48	Mutinja	– // –	arvore	É aproveitado nas dores de pedra e retenções de urinas
49	Murara	– // –	arbusto	Serve de laxante em casos que d'este recurço se necessita //

¹⁴⁷ (1) é desta árvore de que se prepara o Muanvi, conhecido nesta Provincia como um dos juramentos cafreas de mais perigo a sociedade.

[fl. 7]

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada
50	Mussoropotue	Humido	Trapadeira	É aproveitavel para as dores de colica
51	Durura	- // -	- // -	Serve para fazer vir leite, em mulheres já de idade avançada (1) ¹⁴⁸
52	Bassinga	- // -	arbusto	É aproveitado no sertão para envenenamento de peixe, quer em Rios de agôa corrente, quer em alagoas
53	Mucinde	- // -	Trapadeira	Serve para envenenar as inguias para o facil e abundante aproveitamento d'ellas
54	Utúru	- // -	- // -	É com que envenenão a flexa destinada para guerra
55	Urire	- // -	- // -	Tem a virtude de promover nos corpos humanos uma comichão desesperada, quando mesmo de passagem se toca cazualmente na planta, e desta tambem aproveitão para envenenamento da flexa, de mistura com a outra. //

¹⁴⁸ (1) temos no districto duas qualidades de Durura, a primeira é da que trata o numero a que respeita a presente nota, e a 2.^a é rasteira, porém da primeira que apresenta mais rapidos effeitos.

[fl. 7v]

Número de plantas	Nomes das plantas	Condições do terreno em que habitão	Natureza da planta	Doença para que a mesma é aproveitada
56	Úvu	Humido	arvore	É aproveitada para oftalmia, e becidas (?) dos olhos.
57	Mussàra	- // -	- // -	Aproveitada em supressão de urina
58	Suraçugi	- // -	Trapadeira	Aproveitavel para a cura de Hernia
59	Mupimbi	- // -	arvore	Aproveitavel para cura de gonhomas, e empaxamento do ventre
60	Nhagemba	Seco e arenoso	Rasteira	É aproveitavel para dores venereas
61	Chigimamuriro	- // -	- // -	Serve para queimaduras e tambem para venerio
62	Bangamuzi	- // -	arbusto	É aproveitável nas fracturas e achaques de madre
63	Pumbururu	- // -	Palha que nasce nas proximidades de alagôa	Serve para as dores de barriga, e vomitos
64	Macohôo	- // -	- // -	E aplicado para as mesmas doenças -, e com mais aproveitamento nas creanças -//

[fl. 8v] Esclarecimentos sobre a medecina cafre real nos sertões de Sofalla

Comquanto não seja apropriada tal denominação em pôvos selvagens, todavia empreguei essa phrase somente por o assumpto verçar em materias de que a medicina legal se compoem, e portanto permita-se-me a indulgencia de dizer sobre o assumpto, a maneira, ou o methodo geralmente seguido na applicação dos remedios.

A falta d'esse methodo, nas bases em que a nossa medecina se assenta, é que concorre para que muitas vezes as curas em certos casos não sejam mais salutaes; porque o cafre não tem especie nenhuma de pesos nem medidas para os remedios, mas sim todos são ministrados por meio de calculo, em manipulações, e os cosimentos são dados em quantidades tambem calculadas a olho; embora a constituição do enfermo seja forte ou debil. As curas consistem em massagem com remedios, ou simplesmente com agôa quente, ou azeite; em cosimentos, unturas de certas ervas, nesta ou n'aquella parte do corpo, e finalmente por meio de sangrias topicas que

executam com piquenos chifres, em forma de ventosas sarjadas, debaixo destas bazes é sustentada entre os cafres a medecina, sem que mesmo ao doente haja regimem de tratamento nem dieta marcada, a não ser muitas vezes prohibição desta ou d'aquella comida, somente porque as crenças superticiosas observadas em casos identicos, assim o classificarão. // [fl. 9] e para fazerem render a profissão de curandeiros, ou charlatões, apresentam sempre suas exigencias de fazendas, e outros objectos debaixo de superticiosas crenças de ser para esta, ou aquella cerimonia; embora os mesmos Curandeiros reconheçam, o pouco que taes actos influem para as virtudes dos remedios, todavia sustentão essa rotina como uma das sũas fontes de receita, sendo porém certo que os remedios de que se servem, são pela mor parte de tão boas virtudes, que é lastimoso o não serem devidamente aproveitados. – pelas nossas artes e siencia do seculo actual. Allem dos remedios apontados neste trabalho, existe um consideravel numero de plantas de que não aponte, por não ter dados mais completos de suas virtudes conhecidas no districto, sendo tambem certo que muitas vezes o mesmo remedio, tem duas ou mais nomeclaturas, segundo os uzos e costumes de varias tribus, e caso porem na nota retro, haja repetição no mesmo nome, se deverá entender tal circumstancia como filha única da brevidade que empreguei no dito trabalho o que bem se conhecerá qualquer duvida, segundo ás virtudes apontadas junto a cada planta – e para que de certa forma se possam conhecer, os prejuisos de que a medecina cafreal está ainda rexeada, por isso deliberei, consignar estes esclarecimentos – Chilluane 4 de Março de 1884.

Guilherme H. Ezequiel da Silva //